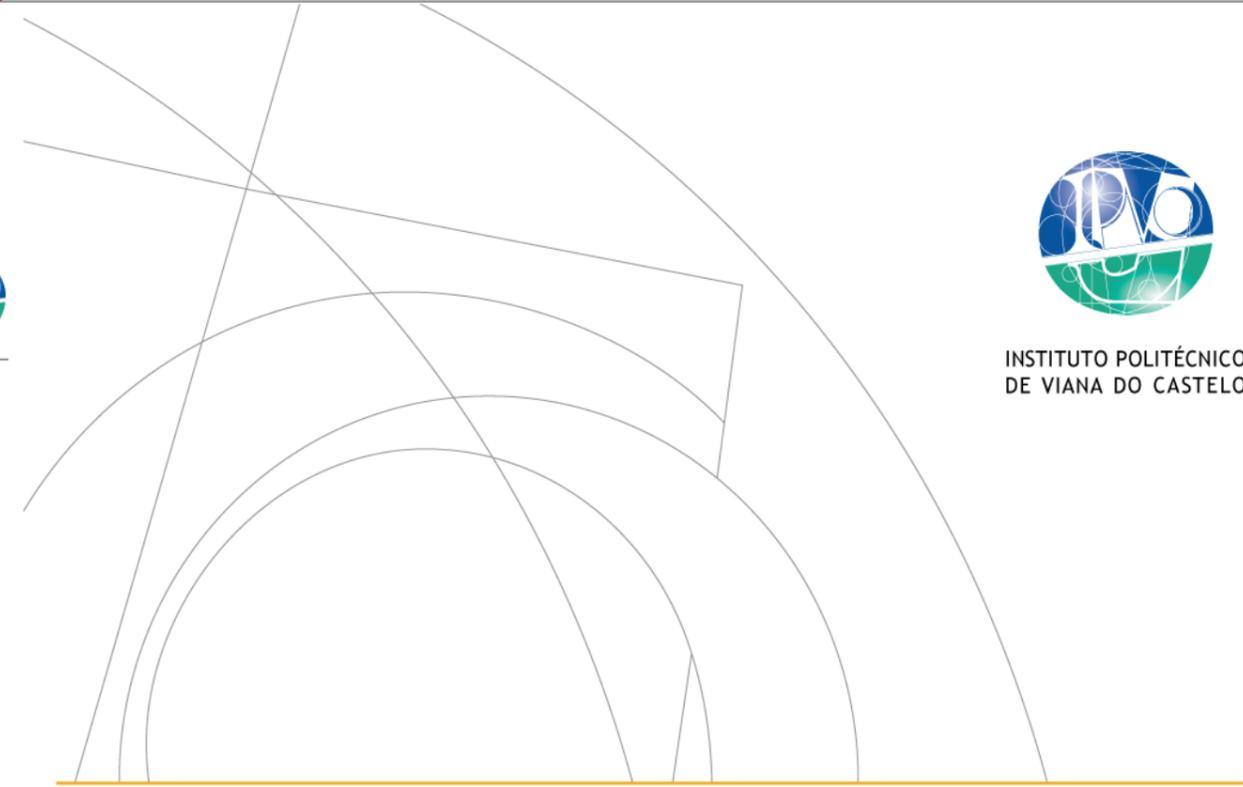




ESTG



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

O RE-DESIGN DE PARTE DO TRAJE DE ROMEIRO DE MONDIM DE BASTO

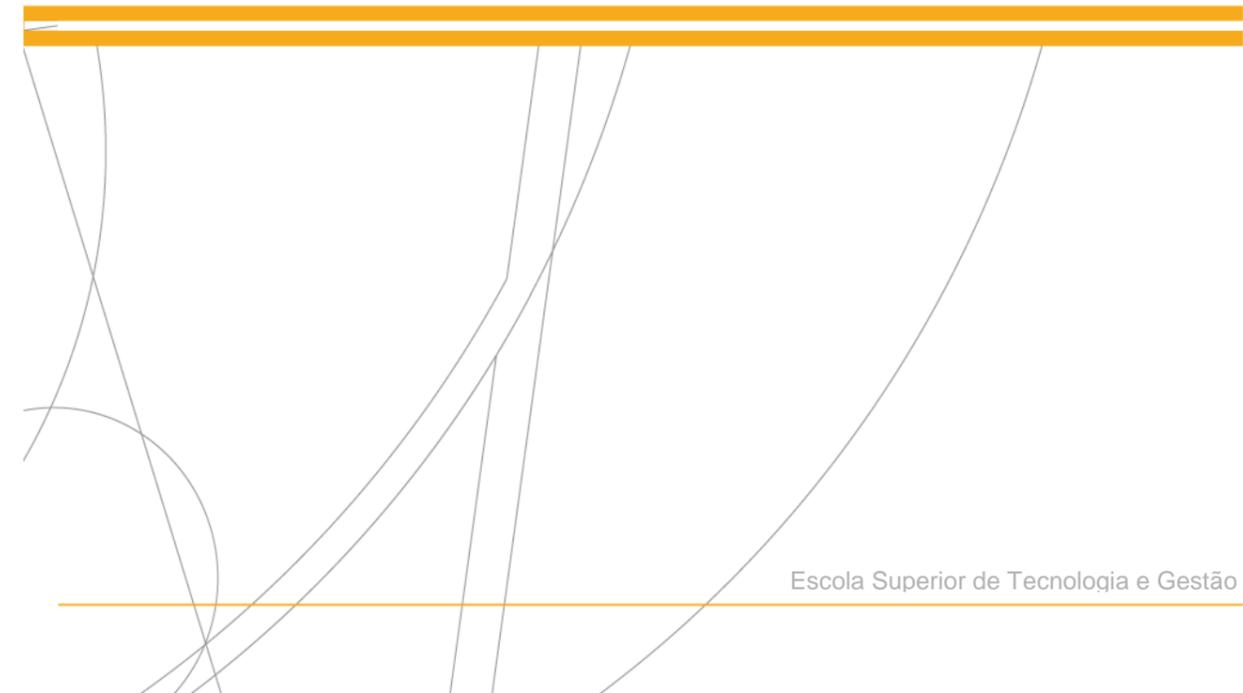
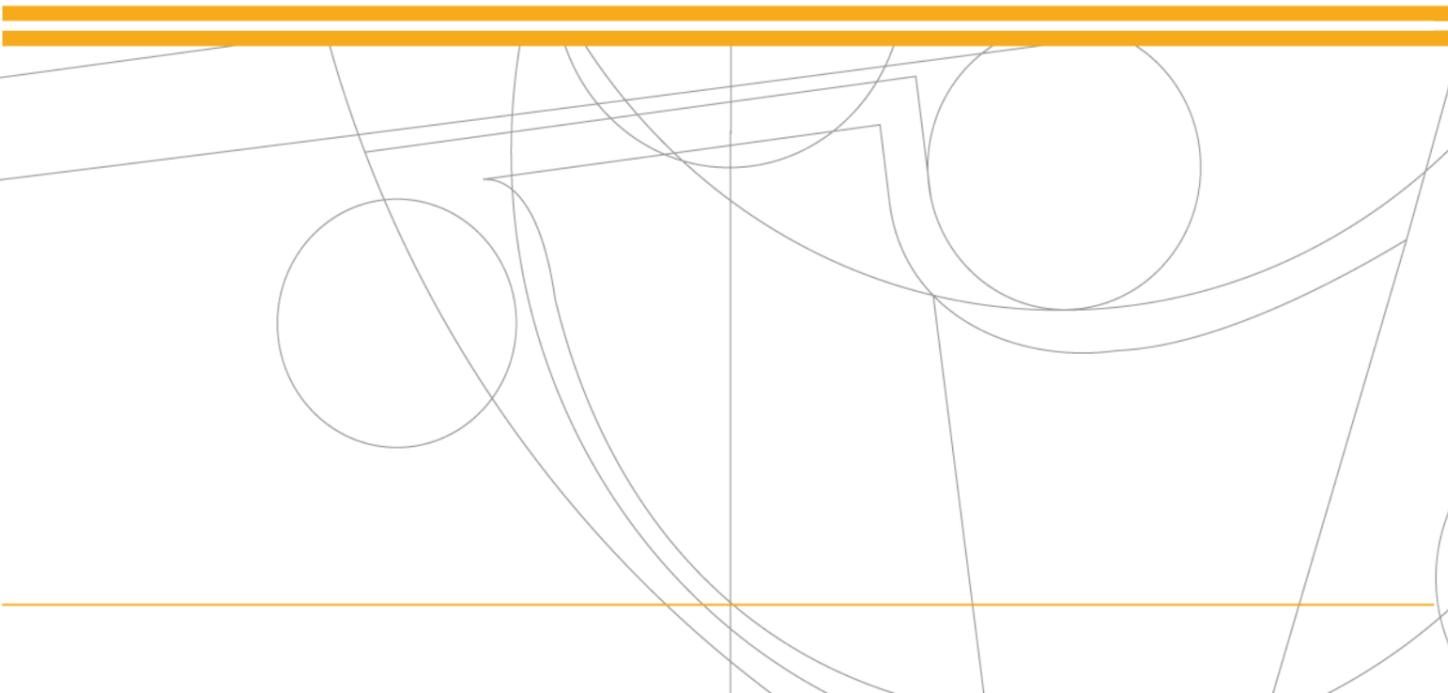
Ana Filipa Fernandes Amorim

2019

# O RE-DESIGN DE PARTE DO TRAJE DE ROMEIRO DE MONDIM DE BASTO

Ana Filipa Fernandes Amorim

Escola Superior de Tecnologia e Gestão





INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

Ana Filipa Fernandes Amorim

O RE-DESIGN DE PARTE DO TRAJE DE ROMEIRO DE  
MONDIM DE BASTO

Nome do Curso de Mestrado  
Design Integrado

Trabalho efectuado sob a orientação do  
Professor(a) Doutor(a) Liliana Soares  
e coorientação do  
Arquiteto Manuel de Carvalho e Sousa

Fevereiro de 2019

**Presidente:** João Carlos Monteiro Martins  
Professor Adjunto do IPVC-ESTG  
Coordenador de curso

**Vogal:** Lígia Maria Pinto Lopes  
Professora Auxiliar da EAUM  
Arguente

**Vogal:** Liliana C. Marques Soares e Aparó  
Professora Adjunta do IPVC-ESTG  
Orientadora

## **AGRADECIMENTOS**

A realização desta dissertação de mestrado contou com importantes apoios e incentivos sem as quais não se teria tornado uma realidade e aos quais estarei eternamente grata.

À Professora Doutora Liliana Soares pela sua orientação, total apoio, disponibilidade, persistência, colaboração no solucionar dos obstáculos que foram aparecendo ao longo deste percurso, sem ela esta dissertação não seria possível. Um obrigada para este ser humano incrível e maravilhoso não chega.

Ao meu coorientador, Arquiteto Manuela Sousa, por me proporcionar esta oportunidade e se disponibilizar para ajudar na realização da mesma.

Igualmente é de salientar o Município de Mondim de Basto, um obrigada pelas estadias, pela cooperação e apoio prestados para a realização desta dissertação.

O apoio, amor e carinho da minha família, salientando a minha mãe, Júlia, minha guerreira que dedicou total apoio na fase de elaboração do produto final, é para mim a melhor costureira e sem ela este trabalho não seria tao rico de técnicas e conhecimento de costura.

À minha irmã, amiga e companheira de todas as horas, Carina, que incansavelmente apoiou, dedicou-se e ajudou nas fases de trabalho de campo e projetuais, és a melhor.

As minhas miúdas que fazem parte da família que eu escolhi, Beatriz, Joana e Ana Filipa, é difícil de agradecer de forma justa. Pela dedicação, pelo apoio psicológico, pela ajuda pratica em diversas fases deste percurso, por todo o tempo que lhes foi roubado, o meu grande e eterno obrigada.

Um agradecimento essencial é também aquele que quero fazer ao meu amigo, companheiro, e namorado, Daniel, sempre com uma palavra de animo e força, sempre com um abraço apertado para me reconfortar, um enorme obrigada.

E claro, a todos aqueles, familiares, amigos, colegas, que fazem parte da minha vida e ao longo deste período, foram compreensivos nos momentos de stress e

nervosismo e estiveram lá para ajudar e motivar a continuar nesta caminhada.

Obrigada.

## RESUMO

Esta dissertação em design pretende analisar e examinar parte do traje Romeiro de Mondim de Basto da região de Trás-os Montes, redesenhando-o com uma linguagem renovada e atual.

A investigação está organizada em três fases. Por um lado, a primeira fase e a segunda fase beneficiam da escolha de uma metodologia mista que cruza o trabalho de revisão bibliográfica com entrevistas e a realização de inquéritos a residentes, emigrantes e turistas que visitam o município nas festas do Romeiro. Este processo metodológico permite identificar a parte do traje mais apreciada pelas pessoas que vivem as festas. Por outro lado, a experimentação de materiais e o trabalho com costureiras está tratada na terceira fase deste estudo, que recupera no âmbito do vestuário o cenário que poderá permitir a rentabilização e a sobrevivência de um património de conhecimentos existentes.

O objetivo principal da investigação é dignificar este património cultural, através de uma interpretação portadora de significado e potenciadora de novos desafios para a cultura tradicional, conferindo-lhe uma nova identidade na realidade contemporânea. Quando o design constrói uma ligação honesta entre as qualidades produtivas e a história da cultura material pode, igualmente, criar um produto sustentável e inovador.

Com esta investigação pretende-se demonstrar que a conexão entre o design e o artesanato constitui um sistema, simultaneamente, essencial à criação e à disseminação de um produto singular, veiculador do espírito do lugar de Mondim de Basto.

**Palavras-chave:** Re-design, Pattern-language, Artesanato, Espírito do lugar, Sustentabilidade

## ABSTRACT

This dissertation in design intends to analyze and examine part of the Romeiro costume of Mondim de Basto of the region of Trás-os Montes, redesigning it with a renewed and current language.

The investigation is organized in three phases. On one hand, the first phase and the second phase benefit from the choice of a mixed methodology that crosses the work of bibliographic review with interviews and surveys of residents, emigrants and tourists who visit the municipality at Romeiro parties. This methodological process allows us to identify the part of the costume most appreciated by the people who lives the parties. On the other hand, the experimentation of materials and the work with seamstresses is dealt with in the third phase of this study, which recovers in the context of clothing the scenario that may allow the profitability and survival of an existing knowledge heritage.

The main objective of the research is to dignify this cultural heritage, through a meaningful interpretation and potentiating new challenges for traditional culture, giving it a new identity in a contemporary reality. When design builds an honest link between productive qualities and the history of material culture, it can likewise, create a sustainable and innovative product.

The aim of this research is to demonstrate that the connection between design and craftsmanship is at the same time an essential system for the creation and dissemination of a unique product carrier of the spirit of Mondim de Basto

**Keywords:** Re-design, Pattern-language, Crafts, Spirit of the place, Sustainability

## Índice

1.1. OBJETO DE ESTUDO.....	13
1.2. QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO .....	15
1.3. HIPÓTESE DE INVESTIGAÇÃO .....	15
1.4. MOTIVAÇÕES DE INTERESSE .....	15
1.5. Objetivos .....	16
1.6. Metodologia .....	16
<b>PRIMEIRA FASE – PARTE TEÓRICA .....</b>	<b>18</b>
<b>1. APRESENTAÇÃO DO TEMA.....</b>	<b>18</b>
<b>1.1. O CONCEITO DE RE-DESIGN COMO UMA VANTAGEM DO DESIGN .....</b>	<b>18</b>
<b>1.2. ESTUDO DA METODOLOGIA DA PATTERN-LANGUAGE PARA FUNDAMENTAR A ESCOLHA DE UMA PARTE DO TRAJE COMO OBJETO DE ESTUDO .....</b>	<b>19</b>
<b>2. O TRAJE COMO VEICULADOR DA CULTURA DO LUGAR .....</b>	<b>21</b>
<b>22</b>	
<b>3. A IMPORTÂNCIA DA CULTURA DO LUGAR NOS SECTORES DO VESTUÁRIO E DA MODA.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1. CASO DE ESTUDO DA MARCA ITALIANA DOLCE &amp; GABBANA.....</b>	<b>23</b>
<b>3.2. CASO DE ESTUDO DA MARCA PORTUGUESA STORYTAILORS .....</b>	<b>25</b>
<b>SEGUNDA FASE.....</b>	<b>27</b>
<b>1. TRABALHO DE CAMPO: ANÁLISE DOS INQUÉRITOS .....</b>	<b>27</b>
<b>1.1. OBJETIVOS.....</b>	<b>27</b>
<b>1.2. ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>28</b>

<b>1.3. CONSIDERAÇÕES PARA A FASE DE PROJETO.....</b>	<b>40</b>
<b>2. TRABALHO DE CAMPO: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>42</b>
<b>2.1. OBJETIVOS.....</b>	<b>42</b>
<b>2.2. ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>42</b>
<b>2.2.1.....</b>	<b>QUESTÕES COLOCADAS AOS ENTREVISTADOS</b>
<b>43</b>	
<b>2.2.1.1.....</b>	<b>QUESTÕES COLOCADAS A LUÍSA LEMOS E A LUÍS OLIVEIRA:</b>
<b>43</b>	
<b>2.2.1.2.....</b>	<b>QUESTÕES COLOCADAS A MANUEL SOUSA:</b>
<b>44</b>	
<b>2.3. CONSIDERAÇÕES PARA A FASE DE PROJETO.....</b>	<b>47</b>
<b>3. LEVANTAMENTO PELO DESENHO DA TIPOLOGIA ESCOLHIDA: SAIA DA MULHER.....</b>	<b>49</b>
<b>3.1. APRESENTAÇÃO DO TEMA.....</b>	<b>49</b>
<b>3.2. FICHAS TIPOLÓGICAS DE ARQUÉTIPOS DE SAIAS DO FINAL DO SÉCULO XIX E MEADOS DO SÉCULO XX.....</b>	<b>50</b>
<b>3.2.1.....</b>	<b>FICHA TÉCNICA DA SAIA DA MADEIRA</b>
<b>52</b>	
<b>3.2.2.....</b>	<b>FICHA TÉCNICA DA SAIA DO TRAJE DE PASTORA (CINFÃES)</b>
<b>53</b>	
<b>3.2.3.....</b>	<b>FICHA TÉCNICA DA SAIA DO TRAJES DE IR À FESTA OU ROMARIA (CINFÃES)</b>
<b>54</b>	
<b>3.2.4.....</b>	<b>FICHA TÉCNICA DA SAIA DO TRAJE DOMINGUEIRO (CINFÃES)</b>
<b>55</b>	
<b>3.2.5.....</b>	<b>FICHA TÉCNICA DA SAIA DO TRAJE DE LAVADEIRA (ARRIMAL)</b>
<b>56</b>	

3.2.6. ....	FICHA TÉCNICA DA SAIA DO TRAJE DE TECEDERAS (ARRIMAL)	57
3.2.7. ....	FICHA TÉCNICA DA SAIA DO TRAJE DOMINGUEIRO (ARRIMAL)	58
3.2.8. ....	FICHA TÉCNICA DA SAIA DO TRAJE DE TRABALHO (TRAS-OS-MONTES).....	59
3.2.9.	FICHA TÉCNICA DA SAIA DO TRAJE DE TRABALHO (CHAVES) .....	60
3.2.10.	FICHA TÉCNICA DA SAIA DO TRAJE DE DOMINGUEIRO (ARCOS DE VALDEVEZ) .....	61
3.3.	LEVANTAMENTO DE UM ARQUÉTIPO DE SAIA.....	62
	TERCEIRA FASE .....	64
1.	EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO DE HIPÓTESES DE PROJETO.....	64
	QUARTA FASE .....	70
1.	PROPOSTA DE PROJETO.....	70
2.	O PROTÓTIPO FINAL .....	82
3.	PREMISSAS DE PROJETO.....	83
	CONCLUSÕES .....	84
	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88
	APENDICES .....	90
1.	ENTREVISTAS.....	90
1.1	ENTREVISTA COM LUÍSA LEMOS E LUÍS OLIVEIRA.....	90
1.2	ENTREVISTA COM MANUEL SOUSA.....	94

<b>2. INQUÉRITOS.....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>103</b>
<b>1. ANEXO 1- VII INTERNATIONAL CONFERENCE ON DESIGN RESEARCH - DESIGNA 2018 TERRITORY PROCEEDINGS .....</b>	<b>103</b>

## ÍNDICE de Imagens

Figura 1– A pattern-language como metodologia para fundamentar a escolha de uma parte do traje de Romeiro de Mondim de Basto como foco desta investigação. Fonte: Ana Filipa AMORIM.....	20
Figura 2 - Festa de Carnaval dos Caretos de Podence .....	22
Figura 3 - De cima para baixo: Imagem do Carreto Siciliano. Imagem publicitária da coleção “Sizzling Carretto Siciliano” Primavera/Verão (2016) da Dolce & Gabbana	24
Figura 4 - De cima para baixo: Pannel de Azulejos Portugueses ; Imagem publicitária da coleção “UNBREAKABLE” Primavera/Verão (2016) da Storytailors .....	26
Figura 5 - Mapa dos intervenientes envolvidos nas fichas tipológicas. Fonte: Ana Filipa AMORIM .....	51
Figura 6 - Da esquerda para a direita: Bainha da saia com forro. “Forro” da saia com fita de enfeite superior e inferior. Cós da Saia Fonte: Ana Filipa AMORIM .....	62
Figura 7 - Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Ponto atrás; Ponto corrido; Ponto cruzado; Ponto luva; Ponto de alinhavo. Fonte: Ana Filipa AMORIM	63
Figura 8 - Da esquerda para a direita: Tronco de Pinheiro Bravo. Flores Silvestres do Município de Viana do Castelo . Flor de Camélia do Município da Celorico de Basto. ....	64
Figura 9 – De cima para baixo e da esquerda para a direita: Couro utilizado na primeira experiência. Tecido de forro utilizado como base na primeira experiência. Modelo de estudo da Experiência 1. Fonte: Ana Filipa AMORIM.....	65
Figura 10 – De cima para baixo e da esquerda para a direita: Tule. Malha de tule. Tecido de organza. Bordado da Flor Silvestre no tecido de organza. Fonte: Ana Filipa AMORIM .....	66
Figura 11 - Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Queima do perímetro de uma pétala; Fase de união de pétalas; Fase de união de pétalas da parte de trás; Modelo de experiência 3 Fonte: Ana Filipa AMORIM.....	68
Figura 12 - Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Fase de costura das pétalas. Fase de enchimento das pétalas. Modelo de estudo de experiencia 4. Fonte: Ana Filipa AMORIM.....	69
Figura 13 - Esquema numerado das Patterns da proposta selecionada. Fonte: Ana Filipa AMORIM .....	70
Figura 14 - Esquema numerado que destaca a pattern 1, saia. Fonte: Ana Filipa AMORIM.....	71
Figura 15- Corte do molde Fonte- Ana Filipa AMORIM.....	72
Figura 16 - Da esquerda para a direita: Chulear do tecido; União do molde Fonte: Ana Filipa AMORIM.....	72
Figura 17 - Da esquerda para a direita: Pormenor da linha na bainha; Fonte- Ana Filipa AMORIM .....	73
Figura 18 - Da esquerda para a direita: Alinhavo do bolso; Chulear do bolso; União do boldo a saia; Preparação para o corte do forro; Corte do forro; União de extremidades do forro; Alinhamento do forro Fonte- Ana Filipa AMORIM .....	74
Figura 19- Esquema numerado que destaca a pattern 2, folho. Fonte: Ana Filipa AMORIM.....	75

Figura 20 - Corte do tecido para o folho; Peças do folho posteriores ao corte Fonte: Ana Filipa AMORIM.....	76
Figura 21 - União de peças do folho; Corte para anilha Fonte: Ana Filipa AMORIM	77
Figura 22 - Esquema numerado que destaca a pattern 3, cós Fonte: Ana Filipa AMORIM.....	78
Figura 23 - Alinhamento do cós; Alinhavo de união de patterns Fonte: Ana Filipa AMORIM.....	79
Figura 24 - Alinhamento do tecido; Frente do botão; Averso do botão Fonte: Ana Filipa AMORIM .....	79
Figura 25 - Esquema numerado que destaca a pattern 4, fecho Fonte: Ana Filipa AMORIM.....	80
Figura 26 - Alinhamento do fecho; União do fecho; Abertura do fecho já colocado; Finalização do fecho Fonte: Ana Filipa AMORIM.....	81
Figura 27- Saia Finalizada Fonte: Ana Filipa AMORIM .....	82
<b>Gráfico 1</b> – Género dos inquiridos Fonte: Ana Filipa, AMORIM .....	<b>29</b>
<b>Gráfico 2</b> – Naturalidade Fonte: Ana Filipa, AMORIM .....	<b>30</b>
<b>Gráfico 3</b> – Local de Residência Fonte: Ana Filipa, AMORIM .....	<b>31</b>
<b>Gráfico 4</b> – Tempo de interesse Fonte: Ana Filipa, AMORIM.....	<b>32</b>
<b>Gráfico 5</b> – O que é o Traje Romeiro Fonte: Ana Filipa, AMORIM.....	<b>33</b>
<b>Gráfico 6</b> – Como nasceu o Traje Romeiro Fonte: Ana Filipa, AMORIM .....	<b>33</b>
<b>Gráfico 7</b> – Quantos elementos tem o traje da mulher? Fonte: Ana Filipa, AMORIM	34
<b>Gráfico 8</b> – Quantos elementos tem o traje do homem? Fonte: Ana Filipa, AMORIM	35
<b>Gráfico 9</b> – Sabe quais são os elementos do traje? Fonte: Ana Filipa, AMORIM	35
<b>Gráfico 10</b> – Elemento mais emblemático Fonte: Ana Filipa, AMORIM .....	<b>36</b>
<b>Gráfico 11</b> – Elemento com mais identidade Fonte: Ana Filipa, AMORIM .....	<b>37</b>
<b>Gráfico 12</b> – Importância das Tradições Fonte: Ana Filipa, AMORIM .....	<b>38</b>
<b>Gráfico 13</b> – Traje Reavivado Fonte: Ana Filipa, AMORIM .....	<b>38</b>
<b>Gráfico 14</b> – Importância de um estudo/investigação Fonte: Ana Filipa, AMORIM	39
Tabela 1 - Quadro síntese da informação básica dos entrevistados. Fonte: Ana Filipa, AMORIM .....	43

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1. Objeto de Estudo

Hoje, o fenómeno da globalização apresenta-nos um indivíduo à procura de novos valores. “O design torna-se um instrumento que, operando em sinergia com a cultura de um lugar, consegue alcançar a abertura de cenários vantajosos, seja para os produtos, seja para os contextos territoriais a que fazem referência” (Aparo, Soares, 2012: 43). A necessidade de individualização leva os consumidores a procurarem, num contexto coletivo, objetos singulares portadores de emoção, de conhecimento e de identidade. Segundo Gillo Dorfles “a própria avaliação crítica de muitas obras acaba por coincidir com os valores de mercado. E se isto é muito desconcertante é, todavia, uma prova de interdependência entre arte e consumo.” (Dorfles, 1984: 11).

Assim, a disciplina do design assume a responsabilidade de qualificar o Espírito do Lugar. Neste caso, considerando o *Genius Loci*<sup>1</sup> de Mondim de Basto, narrando e interpretando histórias, lendas, artefactos ou, simplesmente, rituais veiculadores da singularidade do lugar. Como expõe Ugo La Pietra refletir acerca do Genius Loci trata-se de "criar conexões entre a cultura do fazer e a cultura do projeto (La Pietra cit in Aparo, Soares, 2012). Por um lado, a ação do design associada ao artesanato garante a preservação da identidade do lugar, rentabilizando o saber existente das atividades produtivas locais e garantindo a sua continuidade na realidade atual. Como defendia João Branco “o artesanato e o design, embora se situem hoje em campos razoavelmente afastados, partilham alguns problemas e desafios, nomeadamente se acreditarmos em cenários múltiplos e de parcerias possíveis” (Branco, 2005: 8). Por outro lado, o re-design de um artefacto como um traje etnográfico pode ser uma ocasião para criar um produto entre a cultura local e o âmbito da moda. Como afirma Ampelio Bucci “na

---

<sup>1</sup> Expressão dada pelos romanos ao Espírito do Lugar.

nossa cultura muitos sinais fazem-nos pensar (e esperar) que, embora lentamente, o percurso do consumidor passivo para indivíduo ativo está em crescimento, em desenvolvimento. Neste caso, parece estratégico apostar em produtos que tenham uma identidade própria e que permitam também ao indivíduo expressar melhor a sua personalidade.” (Bucci cit in Aparo, 2010: 185).

Em termos de aplicação, esta investigação beneficia da parceria com o Município de Mondim de Basto diante das particularidades mais carismáticas da etnografia, indagando as competências e a tradição da produção têxtil na região, convertendo-as numa linguagem contemporânea.

Com este estudo pretende-se provar que o re-design de um traje popular pode ser uma ocasião para promover a sustentabilidade empresarial do sector têxtil, e consequentemente, o Município de Mondim de Basto, qualificando o artesanato com uma identidade renovada no âmbito da moda. Neste sentido, com a presente investigação pretende-se recuperar histórias e tradições de um lugar, aliando, quer a competência da semiótica, quer técnicas, tecnologias e processos inovadores com o trabalho artesanal. Esta ação poderá contribuir para a sobrevivência de ambos os sectores, como defende Francesco Zurlo, ou seja, “as empresas premiadas a nível europeu através do uso das melhores práticas de design, demonstram que o projeto pode ser aplicado nos vários sectores e mostram também que uma estratégia de design, não só olha criação de um produto bonito e de qualidade, mas também a identificação de uma identidade específica(...)”<sup>2</sup> Esta investigação pode, deste modo, contribuir para criar dinâmicas , promovendo quer a criatividade entre atividades empresariais da região, quer a inovação.

---

<sup>2</sup>Disponível em <http://www.mi.camcom.it/upload/file/330/165200/FILENAME/Zurlo.pdf>  
acedido em 11/07/2016

## **1.2. Questão de Investigação**

No prosseguimento da explanação do objeto de estudo desta investigação pondera-se a seguinte questão:

Em que medida o Re-design de uma parte do traje pode ser uma ocasião estratégica para requalificar a cultura do lugar?

## **1.3. Hipótese de Investigação**

A ligação entre a disciplina do design e atividades produtiva local apresenta-se como um fator criativo no re-design de um traje popular aplicado ao âmbito do vestuário.

## **1.4. Motivações de Interesse**

Este estudo pretende realçar a importância da cultura do traje Romeiro de Mondim de Basto, criando um produto atual através da combinação dos conhecimentos do artesão, da indústria e da academia.

Para o ensino do design, este estudo pretende demonstrar o seu valor no desenvolvimento de um processo de aprendizagem realizado com o trabalho prático. O processo de criação é importante na definição de uma metodologia que está em sintonia quer com a realidade contemporânea complexa e incerta, quer com a realidade de formar designers numa instituição como um politécnico.

Para o contexto empresarial, para a cultura do lugar de Mondim de Basto este estudo legitima o papel do designer na transformação da sua realidade, criador de novas oportunidades de negócio para empresários e projetistas, garantindo a sobrevivência empresarial e eventualmente, facilitando a sua competitividade.

## **1.5. Objetivos**

- Conhecer e dignificar a história do Traje Romeiro de Mondim de Basto;
- Relacionar a identidade do traje Romeiro de Mondim de Basto com o âmbito do design de vestuário nacional.
- Criar um produto que reúna características tradicionais que arriscam desaparecer, eventualmente, cruzando dois âmbitos distintos, como o artesanal e o industrial;
- Promover o artesanato do Município de Mondim de Basto;
- Promover conexões entre culturas, tecnologias, inovações e tradições;

## **1.6. Metodologia**

Esta investigação em Design pretende reanimar uma parte do Traje de Romeiro com uma proposta de re-design. Nesta investigação pretende-se entender e estabelecer uma relação entre o artesanato e o design, recuperando uma parte do traje de Romeiro de Mondim de Basto da região de Trás-os-Montes e encontrando no âmbito do vestuário um cenário de rentabilização e de sustentabilidade de um património de conhecimentos existentes. O estudo divide-se em quatro fases:

### **PRIMEIRA FASE – Parte Teórica**

#### **Apresentação e fundamentação do tema**

Nesta fase pretende-se explicar os conceitos que sustentam a investigação, nomeadamente:

- Conceito de re-design como uma vantagem do design (Latour, 2008).
- Estudo da metodologia da Pattern-Language (Alexander, 2013). para fundamentar a escolha de uma parte do traje como objeto de estudo.

- Revisão Bibliográfica histórica sobre o tema. Nesta fase foi feita uma revisão recolhendo e analisando informação.
- Casos de Estudo.

### **SEGUNDA FASE - Trabalho de Campo**

Nesta fase da investigação será realizado um Trabalho de Campo, para selecionar elementos e filtrar a informação, no sentido de perceber a identidade do traje. Nesta fase foi realizado:

- Inquéritos: à população de Mondim de Basto, na Noite dos Romeiros nas festas do concelho de Mondim de Basto com o intuito de perceber qual a perceção acerca do Traje Romeiro definir qual a peça do traje a trabalhar;
- Realização de três Entrevistas.
- Análise e tratamento da informação recolhida nas entrevistas e nos inquéritos como ponto de partida para pensar o re-design de um elemento do traje.
- Criação de Fichas tipológicas de arquétipos de saias da primeira metade do século XX, pertencentes a grupos etnográficos e/ou ranchos etnográficos
- Levantamento da tipologia escolhida.
- Identificação de possíveis entidades produtivas.

### **TERCEIRA FASE – Experimentação e Criação de hipóteses de projeto**

- Fase de Laboratório (testes e experimentação) ;
- Criação de hipótese de projeto.

### **QUARTA FASE – Projeto**

- Criação do protótipo

# **PRIMEIRA FASE – parte teórica**

## **1. Apresentação do tema**

### **1.1. O conceito de re-design como uma vantagem do design**

Esta investigação surge da vontade de valorizar o traje de Romeiro de Mondim de Basto - um traje composto por vários componentes com características diversificadas e bastante próprias, mas que não tem uma identidade definida como acontece com outros trajes portugueses como, por exemplo o traje de Viana do Castelo. Com esta ação de interpretação pretende-se contribuir para a definição da identidade desta terra da região transmontana, por meio daquela cultura material. Em particular, pretende-se beneficiar das características do design, no sentido que “o design, produto e expressão de uma cultura, realiza uma forte relação com os outros sectores, refletindo os lugares, o tempo e os indivíduos que a caracterizam.” (Aparo, Soares, 2012: 44). Isto constitui que o design é veiculador de cultura com um sentido de futuro, “(...) interpretando a história do ser humano como um processo em constante mudança.” (SOARES, POMBO, APARO, DONEGANI, 2012: 70)<sup>3</sup>

Neste sentido, o re-design pode ser visto como o ato de elevar um produto/objeto num tempo diferente.

Bruno Latour, “(...) fazer design é sempre fazer um redesign. Sempre há algo que existe primeiro, que já está dado, como uma questão ou um problema. O design é uma tarefa subsequente que visa tornar algo mais vivo, mais comercial, mais usável, mais agradável ao usuário, mais aceitável, mais sustentável etc., dependendo das diversas restrições com as quais o projeto precisa lidar. Em outras palavras, há sempre algo de reparatório no design.” (Latour, 2008: 7)

---

<sup>3</sup> Tradução livre do autor: “(...) interpreting the history of man as an ever changing process.” (Soares, Pombo, Aparo, Donegani, 2012: 70)

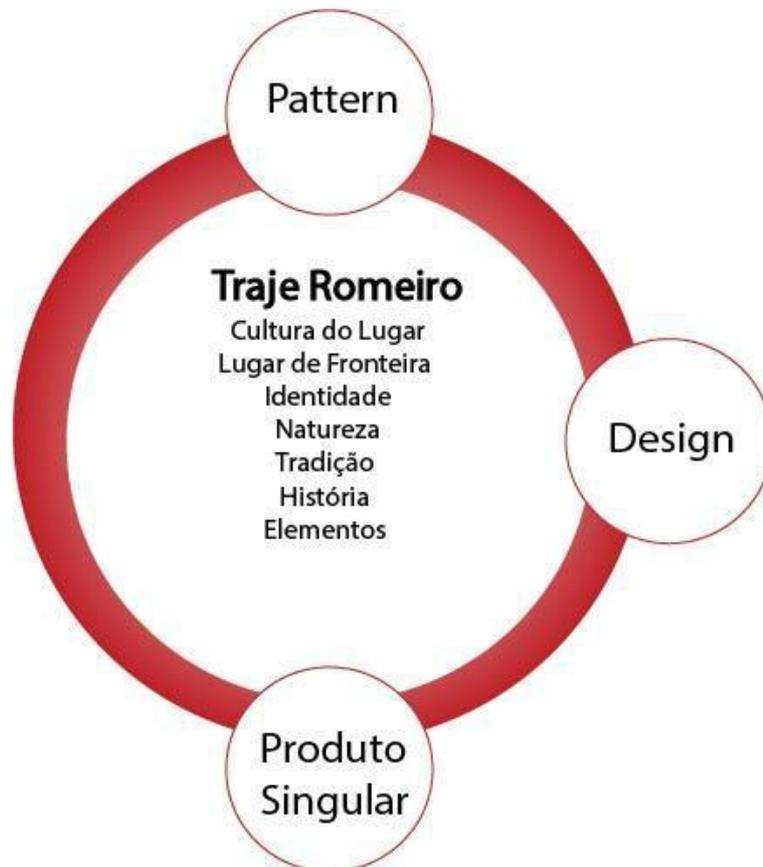
Esta reflexão constitui e orienta a pensar que “o designer como intérprete escolhe beneficiar de tudo o que existe na realidade atual, em vez de aceitar que algumas manifestações (...) são desnecessárias ao acto projectual.” (SOARES, 2012 :8). Assim, para o designer torna-se fundamental beneficiar da cultura do lugar, neste caso, considerando o espírito do lugar de Mondim de Basto. A ação do design associada ao artesanato garante a preservação da identidade do lugar, rentabilizando o saber existente das atividades produtivas locais e garantindo a sua continuidade na realidade atual. Nesta investigação, considerar o design como re-design é assumir que se projeta com sentido de futuro, mas cuidando do património matéria e imaterial, devolvendo-lhes o direito a uma existência atualizada e acessível às novas gerações. Trabalhar-se-á o conceito de re-design de Bruno Latour que significa

“(...) dar uma nova e bela configuração ou forma a alguma coisa – uma cadeira, uma faca, um carro, um pacote, uma lâmpada, um interior – que de outra forma permaneceria desajeitado, duro ou cru demais, caso servisse apenas a sua função.” (Latour, 2008 :2)

## **1.2. Estudo da metodologia da Pattern-Language para fundamentar a escolha de uma parte do traje como objeto de estudo**

A realidade atual exige que cada individuo procure saber e experimentar a cultura de um povo ou de um lugar, procurando objetos singulares desprendidos da rapidez de informação e globalização em massa que caracterizam a sociedade onde o espírito de modernidade líquida comanda. Como refere Paul Valéry “Interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns da nossa vida. Tomam-se mesmo necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas... por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados... Não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio dê frutos.” (VALÉRY cit in BAUMAN: 2000: 7).

Assim o projeto a desenvolver tem como objetivo analisar, trabalhar e reinventar uma parte do Traje de Mondim de Basto, cruzando a singularidade do artesanato com a modernidade acrescentando valor ao lugar neste sentido a “evolução está marcada por uma contínua qualidade artesanal.” (BÜRDEK, 1994:107). Nesta perspetiva, torna-se pertinente considerar um processo metodológico orientado para o reconhecimento e para a resolução de subsistemas que formam a complexidade do projeto, nomeadamente, a metodologia da Pattern-Language, Segundo C. Alexander, a pattern-language consiste na identificação e na resolução dos subsistemas que formam a complexidade do projeto, quer no relacionamento que as patterns de cada subsistema alcançam entre si e o utilizador (Alexander, 2013)



**Figura 1**– A pattern-language como metodologia para fundamentar a escolha de uma parte do traje de Romeiro de Mondim de Basto como foco desta investigação. Fonte: Ana Filipa AMORIM

Neste sentido, pretende-se analisar, de modo autónomo, detalhando todos os pormenores e explorando todas as hipóteses, antes de se avançar para uma outra parte do traje. “O sistema de produto torna-se o elemento de ligação comum a todas as patterns que só existem relacionando-se com o sistema. Não se concebem objetos, mas sistemas de produto capazes de qualificar as singularidades dos objetos (...)” (SOARES, 2012: 89). Parece pertinente analisar uma pattern de modo autónomo antes de se começar a analisar uma segunda pattern, “Isto significa que se deve tratar a pattern com uma ‘entidade’; tentando conceber esta entidade, o inteiro e o todo, antes de se começar a criar qualquer outra patterns” (ALEXANDER cit in SOARES, L. 2012: 88).

Em termos metodológicos e de aplicação, pensar o re-design de uma parte do traje de Mondim de Basto, constitui analisar e aplicar a metodologia Pattern-Language como uma ocasião para começar a definir a identidade “o direito dos indivíduos a serem diferentes, a escolherem e a adoptarem o próprio prazer e os próprios modelos de felicidade a um estilo de vida adequado à sua maneira de viver a vida,” (Bauman, 2005:20) orientando esta investigação um percurso exclusivamente direcionado para a definição de uma pattern do traje.

## **2. O TRAJE COMO VEICULADOR DA CULTURA DO LUGAR**

A apropriação da cultura popular portuguesa como veiculador de identidade e de criatividade teve o seu esplendor nos anos 50 do séc. XX. Nesta ação, António Ferro, Ministro da Cultura, desencadeia dois processos distintos. (Pereira, 1928: 8).

Por um lado, o levantamento das culturas material e imaterial português, movido por uma equipa de profissionais como Ernesto Veiga Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira Enes que permitia reconhecer o país. Como refere Benjamim pereira tratou-se de uma oportunidade para reconhecer a identidade de um país com tanta diversidade, “sobretudo de Ernesto Veiga de Oliveira - sobre festividades cíclicas, instrumentos musicais populares ou a arquitetura tradicional e

por fim os trabalhos de Benjamim Pereira sobre as máscaras transmontanas, o objetivo último da pesquisa de Jorge Dias era construir um grande fresco analítico da cultura portuguesa vista a partir dos campos”. (Pereira, 1928: 8).

Por outro lado, esta análise permitiu o reconhecer o estudo do Traje como uma ocasião para compreender hábitos e comportamentos sociais da cultura do lugar, como a região do Minho. Como refere Cláudio Basto, a região do “Minho, paraíso verdejante, com uma vincada personalidade cultural e etnológica, capaz de expressar os seus usos, costumes e tradições, não só através das danças e cantares, mas também pelo seu trajar. Começamos, então, por tratar o «Traje à Moda do Minho» fazendo nossas as palavras de Cláudio Basto, inseridas na publicação «Traje à Vianesa», datada de 1930.” (AA.VV, 1991: 5). Esta reflexão de Cláudio Basto fortalece a pertinência desta investigação em estudar o traje como um elemento com valor histórico, mas também com valor semântico portador de mensagens e de imagens.



**Figura 2** - Festa de Carnaval dos Caretos de Podence<sup>4</sup>

---

4 Fonte : <https://www.diariodetrasmontes.com/noticia/caretos-mais-perto-de-vingarem-enquanto-patrimonio-da-humanidade> acedido 26/02/2019

### **3. A IMPORTÂNCIA DA CULTURA DO LUGAR NOS SECTORES DO VESTUÁRIO E DA MODA**

No âmbito da moda e como refere Gillo Dorfles a imagem exerce um papel na sociedade, ajudando a definir a personalidade de cada um, “tendo em conta o seu peso social, estético e cultural - procurar descobrir como e de que forma se dão, nos nossos dias, aquelas transformações, aquelas diversificações, aquelas tendências que a moda sofre ou impõe” (Dorfles, 1984: 14). De fato, a moda acompanha estas transformações, ajudando as pessoas a encontrarem um papel em sociedade. Neste sentido, a interpretação do traje de Romeiro de Mondim de Basto na contemporaneidade pode ser uma ocasião para valorizar a região transmontana no mercado de luxo da moda. Este mercado possui uma enorme capacidade para valorizar, o trabalho feito à mão e a minuciosidade com que estes produtos são obtidos. Este detalhe só poderá ser alcançado através da produção artesanal, cruzando-a e enaltecendo-a, por diferenciação, com a produção industrial.

#### **3.1. Caso de Estudo da marca italiana Dolce & Gabbana**

Um caso que valida o papel da cultura do lugar no design de moda é a ação dos designers italianos Domenico Dolce e Stefano Gabbana que representam nas suas coleções a história de um lugar.

“A mulher Dolce & Gabbana é forte, gosta de si mesma e sabe que é desejada. É uma mulher cosmopolita que quer percorrer o mundo, mas não esquece as suas raízes. É uma mulher que consegue ser feminina, mesmo que use um colete de homem. Usa muitos saltos, tem uma postura inconfundível e um andar sexy. Pode ser uma esposa, uma mãe, ou uma amante, mas é sempre ela, uma verdadeira mulher.”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup>Disponível em <http://www.dolcegabbana.com/corporate/en/group/company.html>  
tradução livre do autor acedido em 7/07/2016

Na coleção “Sizzling Carretto Siciliano” de Primavera/Verão (2016) os designers homenageiam o carrinho siciliano, um dos símbolos mais conhecidos da iconografia de folclore siciliano e que foi criado para responder às necessidades práticas do povo. Trata-se de um veículo transmissor de cultura devido às suas pinturas e esculturas que representavam momentos da história desta ilha italiana, mas que, com o tempo e as transformações sociais, económicas e políticas, acabou por adquirir um carácter folclórico e estático, arriscando perder-se.



**Figura 3** - De cima para baixo: Imagem do Carreto Siciliano<sup>6</sup>. Imagem publicitária da coleção “Sizzling Carretto Siciliano” Primavera/Verão (2016) da Dolce & Gabbana<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Fonte: <https://www.dreamsicilyvillas.com/guide/sicily-festivals-traditions/the-sicilian-cart/>

<sup>7</sup> Fonte: <http://www.dolcegabbana.com/discover/dolce-gabbana-summer-2016-women-carretto-collection-printed-dresses-and-accessories/>

A ação da dupla Dolce & Gabbana na revitalização deste elemento cultural é muito importante, no sentido que, através da moda, lhe ofereceram uma identidade renovada.

### **3.2. Caso de Estudo da marca portuguesa Storytailors**

Em Portugal, um caso que legitima este estudo é o da dupla Storytailors constituída pelos designers João Branco e Luís Sanchez que criaram um nome-conceito que reflete, internacionalmente, a sua forma de compreender e trabalhar a moda. Para os dois designers “a partir das suas pesquisas e inspirações criam e contam histórias ao futuro de uma forma libertadora, assumindo-as em capítulos a cada coleção. A linguagem metafórica, implícita em cada peça de vestuário, é a sua forma de comunicar.”<sup>8</sup> Para João Branco e Luís Sanchez “cada indivíduo tem um potencial artístico que deve ser libertado; o nosso desejo é contribuir para que, através das nossas peças, as pessoas possam afirmar a sua personalidade, reinterpretando-as segundo a sua forma de expressão.”<sup>9</sup>

Na coleção “UNBREAKABLE” de Verão 2016, Storytailors reúnem a porcelana e os desenhos de azulejaria portuguesa em vestidos que valorizam a cultura e três histórias:

- 1) a lenda das “Três mouras encantadas”;
- 2) a história de “Santa Joana Princesa”, padroeira de Aveiro;
- 3) a epopeia de Luís de Camões “Os Lusíadas”.

---

<sup>8</sup>Disponível em <http://www.portugalfashion.com/pt/designers/storytailors/> acedido em 11/07/2016

<sup>9</sup>Disponível em

<http://www.storytailors.pt/ficheiros/universe/?lang=pt#sthash.KzKdZg9A.dpuf> acedido em 11/07/2016

Trata-se de uma combinação improvável que resulta na conceção de duas peças que angariaram visibilidade internacional. “Em março de 2015, o vestido “Caravela de Azulejos” esteve presente na mostra de arte ibérica que decorreu no Kennedy Center, em Washington, intitulada “Iberian Suite: Arts Remix Across Continents”. Esta iniciativa de divulgação da cultura de Portugal e de Espanha, em Washington, foi considerada a maior de sempre dedicada à arte contemporânea portuguesa nos Estados Unidos, reunindo vários prestigiados artistas nacionais.”<sup>10</sup>



**Figura 4** - De cima para baixo: Painel de Azulejos Portugueses <sup>11</sup>; Imagem publicitária da coleção “UNBREAKABLE” Primavera/Verão (2016) da Storytailors<sup>12</sup>

10 Disponível em <http://www.lux.iol.pt/moda/caravela/storytailors-criam-vestido-com-pecas-da-revigres> acedido em 11/07/2016

<sup>11</sup>Fonte: <http://causaemigrante.blogspot.com/2007/07/painel-de-azulejos-assinala-presena.html> acedido em 26/02/2019

<sup>12</sup>Fonte: <http://www.storytailors.pt/ficheiros/collection/?lang=en&id=17> acedido em 11/07/2016

## **SEGUNDA FASE**

### **1. Trabalho de campo: análise dos inquéritos**

#### **1.1. Objetivos**

Com o objetivo de perceber a imagem atual do Traje de Romeiro, seja aos olhos de pessoas residentes, seja aos olhos de visitantes ou de turistas, desenvolveu-se uma pesquisa através de inquéritos.

A escolha dos inquéritos como procedimento empírico prende-se com a necessidade de beneficiar das Festas do Concelho que se celebram nos dias 21 a 25 de Julho, mais precisamente a noite dos Romeiros de S.Tiago que se celebra no dia 24 de Julho. Esta festa garantiria a presença de um número significativo quer de residentes, quer de turistas e emigrantes que, neste período, regressam à sua terra natal. Neste sentido, esta estratégia cruzada poderia orientar a investigação para a escolha da parte do traje mais significativa. Os inquéritos servem de instrumento para a aquisição de testemunhos especializados que possam validar o que se pretende demonstrar com este estudo.

Para a realização deste trabalho foi elaborado um inquérito modelo (ver Apendice 2) com questões orientadas e direcionadas para o público-alvo definido anteriormente. Os inquéritos foram realizados no lugar, diretamente, à pessoas e online em grupos de Mondim de Basto, estes não tiveram aderência por isso não serão contabilizados. Foram interrogadas 80 pessoas, com idades compreendidas entre os 10 e os 86 anos, com diferentes formações académicas e profissões, sendo que 75 inquéritos foram considerados úteis. As repostas dos inquiridos estão tratadas ao longo deste ponto e os inquéritos incluídos como anexo deste estudo.

As perguntas formuladas para a criação do Inquérito modelo, foram:

- **Pergunta 1** : Idade
- **Pergunta 2** : Sexo

- **Pergunta 3** : Naturalidade
- **Pergunta 4** : Lugar de Residência
- **Pergunta 5** : Formação Académica
- **Pergunta 6** : Formação Profissional
- **Pergunta 7** : Quando começou o seu interesse pela tradição e pela cultura de Mondim de Basto?
- **Pergunta 8** : O que é, para si, o traje Romeiro de Mondim de Basto?
- **Pergunta 9** : Como acha que nasceu o traje Romeiro?
- **Pergunta 10** : Quantos elementos tem o traje? Sabe quais são?
- **Pergunta 11** : Qual o elemento/componente mais emblemático para si ?
- **Pergunta 12** : Qual o elemento/componente que transmite mais identidade cultural acerca de Mondim de Basto?
- **Pergunta 13** : Considera importante manter reavivar as tradições e culturas portuguesas?
- **Pergunta 14** : Gostava que o traje fosse reavivado?
- **Pergunta 15** : Considera importante um estudo/investigação que clarifique a identidade do traje Romeiro? (Classifique de 1 a 5 sendo que 1 representa Nada importante e 5 Muito importante)

## **1.2. Análise dos dados**

Seguimos à realização dos gráficos, relacionados com as respetivas perguntas, para proceder à análise e, por fim, alcançar uma identidade que manifeste o traje do romeiro. Esta imagem será explorada e materializada na vertente de um projeto experimental.

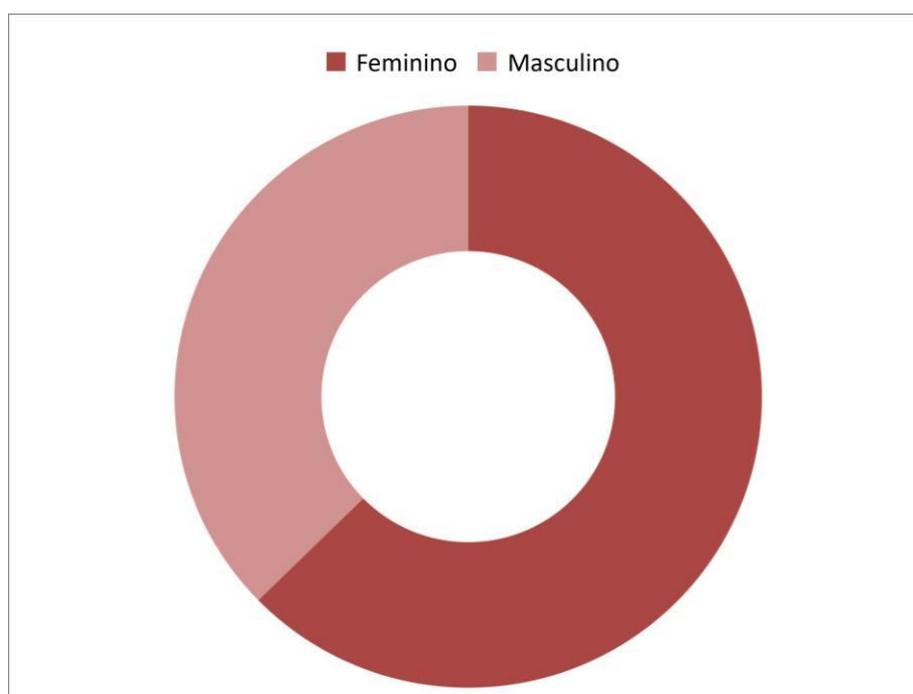
O questionário foi dividido em perguntas de resposta livre e de resposta limitada, assim estamos perante um questionário onde surgem respostas diversificadas,

pelo que foi necessário agrupá-las, contabilizar os dados e transformar a informação em gráficos de fácil leitura.

### **Pergunta 1: Idade**

Com esta questão conseguimos perceber que os inquiridos estão compreendidos entre os **10 anos e os 86 anos de idade**, sendo que o valor médio de idade é de 39 anos. O desvio padrão foi calculado resultando no valor de 19, o que indica que há uma dispersão grande nas idades dos inquiridos.

### **Pergunta 2: Sexo dos inquiridos**



**Gráfico 1 – Género dos inquiridos Fonte: Ana Filipa, AMORIM**

Os itens examinados neste gráfico, por ordem decrescente, foram:

**1º) Sexo Feminino:** com 43 inquiridas

**2º) Sexo Masculino:** com 28 inquiridos

### Pergunta 3: Naturalidade

■ MONDIM DE BASTO ■ CELORICO DE BASTO ■ OUTRO ■ NÃO RESPONDEU

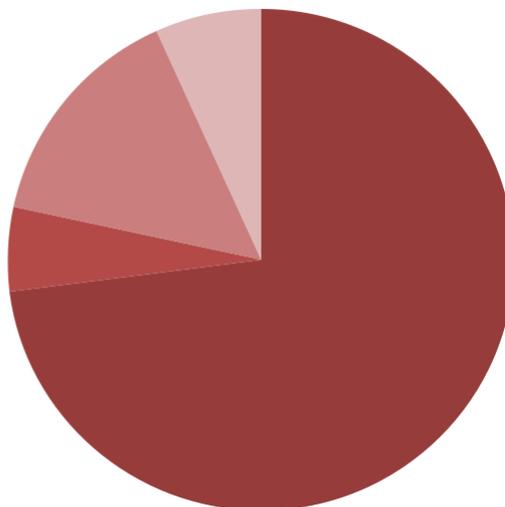


Gráfico 2 – Naturalidade Fonte: Ana Filipa, AMORIM

A questão consistia em resposta livre e cinco dos inquiridos não responderam. Os itens foram ponderados e organizados por ordem decrescente, escolhendo em primeiro lugar o item que obteve mais respostas e em último lugar o item que obteve menos respostas:

- 1º) **Mondim de Basto** – com 73%;
- 2º) Celorico de Basto;
- 3º) Fermil;
- 4º) Arco;
- 5º) Bragança
- 6º) Inglaterra;
- 7º) Porto;
- 8º) Suíça;
- 9º) Outro

#### Pergunta 4: Lugar de Residência

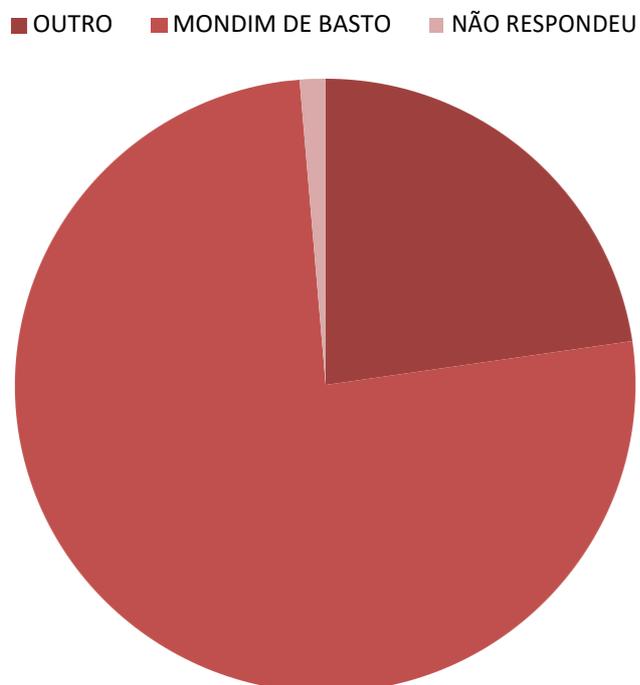


Gráfico 3 – Local de Residência Fonte: Ana Filipa, AMORIM

Os itens examinados neste gráfico, por ordem decrescente, foram:

1º) **Mondim de Basto** - com 57 inquiridos

2º) Outro - com 17 inquiridos

3º) Não respondeu - com 1 inquirido

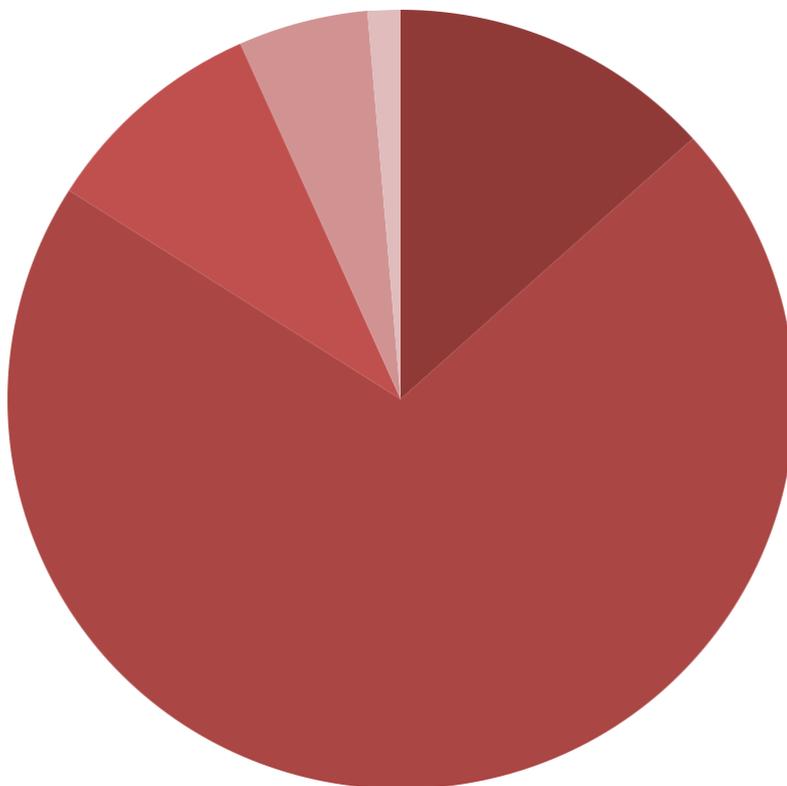
#### Pergunta 5: Formação Académica

Os itens examinados com esta questão são inconclusivos pois 54% dos inquiridos não respondeu.

#### Pergunta 6: Formação Profissional

Os itens examinados com esta questão são inconclusivos pois 59% dos inquiridos não respondeu.

**Pergunta 7:** Quando começou o seu interesse pela tradição e pela cultura de Mondim de Basto?

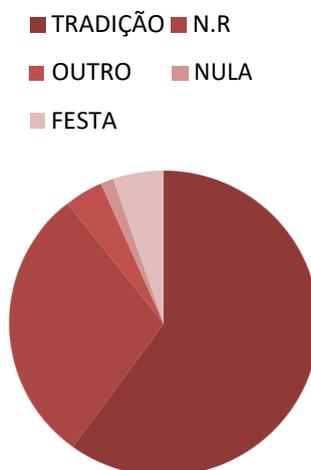


**Gráfico 4 – Tempo de interesse Fonte: Ana Filipa, AMORIM**

Os itens examinados neste gráfico, por ordem decrescente, foram:

- 1º) **Desde sempre** - com 53 inquiridos
- 2º) Surgiu à menos de 5 Anos - com 10 inquiridos
- 3º) Não respondeu com 7 inquirido
- 4º) Surgiu à mais de 5 Anos com 1 inquirido
- 5º) Nula - com 1 inquirido

**Pergunta 8:** O que é, para si, o traje Romeiro de Mondim de Basto?

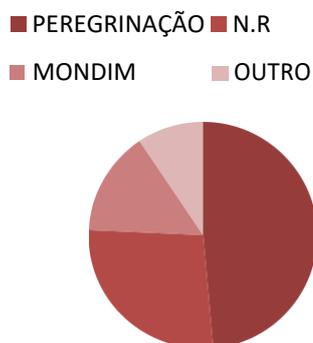


**Gráfico 5 – O que é o Traje Romeiro Fonte: Ana Filipa, AMORIM**

Os itens examinados neste gráfico, por ordem decrescente, foram:

- 1º) **Tradição** - com 45 inquiridos
- 2º) Não respondeu - com 22 inquiridos
- 3º) Festa - com 4 inquirido
- 4º) Outro - com 3 inquirido
- 5º) Nula - com 1 inquirido

**Pergunta 9:** Como acha que nasceu o traje Romeiro?



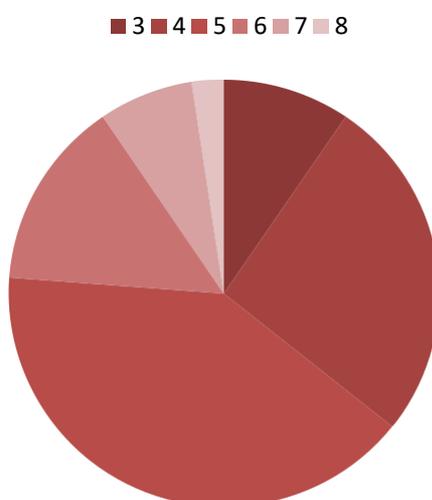
**Gráfico 6 – Como nasceu o Traje Romeiro Fonte: Ana Filipa, AMORIM**

Os itens examinados neste gráfico, por ordem decrescente, foram:

- 1º) **Peregrinação** - com 36 inquiridos
- 2º) Não respondeu - com 20 inquiridos
- 3º) Mondim de Basto - com 11 inquirido
- 4º) Outro - com 7 inquiridos

**Pergunta 10:** Quantos elementos tem o traje (mulher e homem)? Sabe quais são?

### Quantos elementos tem o traje da mulher?



**Gráfico 7 – Quantos elementos tem o traje da mulher? Fonte: Ana Filipa, AMORIM**

Os itens examinados neste gráfico, por ordem decrescente, foram:

- 1º) **5 Elementos** - com 17 inquiridos
- 2º) 4 Elementos - com 11 inquiridos
- 3º) 6 Elementos - com 6 inquiridos
- 4º) 3 Elementos - com 4 inquiridos
- 5º) 7 Elementos - com 3 inquiridos
- 6º) 8 Elementos - com 1 inquirido

### Quantos elementos tem o traje do homem?

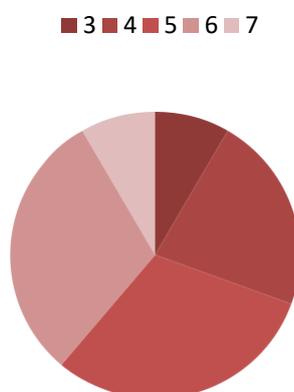


Gráfico 8 – Quantos elementos tem o traje do homem? Fonte: Ana Filipa, AMORIM

Os itens examinados neste gráfico, por ordem decrescente, foram:

- 1º) **6 Elementos** - com 11 inquiridos
- 2º) 5 Elementos - com 11 inquiridos
- 3º) 4 Elementos - com 8 inquiridos
- 4º) 7 Elementos - com 3 inquiridos
- 5º) 3 Elementos - com 3 inquiridos

### Sabe quais são os elementos do traje ?

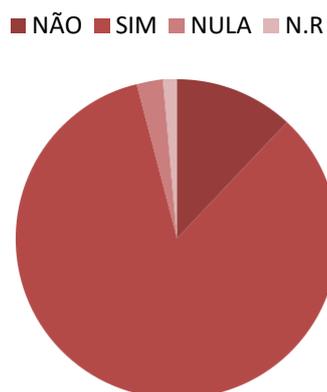


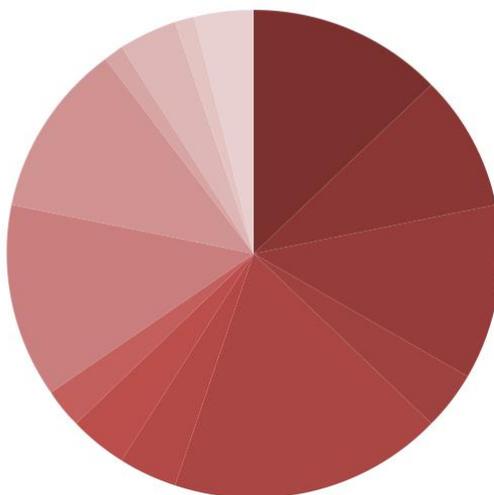
Gráfico 9 – Sabe quais são os elementos do traje? Fonte: Ana Filipa, AMORIM

Os itens examinados neste gráfico, por ordem decrescente, foram:

- 1º) **Sim** - com 63 inquiridos
- 2º) Não - com 9 inquiridos
- 3º) Nula - com 2 inquiridos
- 4º) Não - Respondeu com 1 inquirido

**Pergunta 11: Qual o elemento/componente mais emblemático para si?**

■ LENÇO ■ N.R ■ COLETE ■ BOINA ■ SAIA  
 ■ CAMISA ■ SOCAS ■ CANECA ■ AVENTAL ■ NULA  
 ■ MANTA ■ XAILE ■ BENGALA ■ CHAPEU



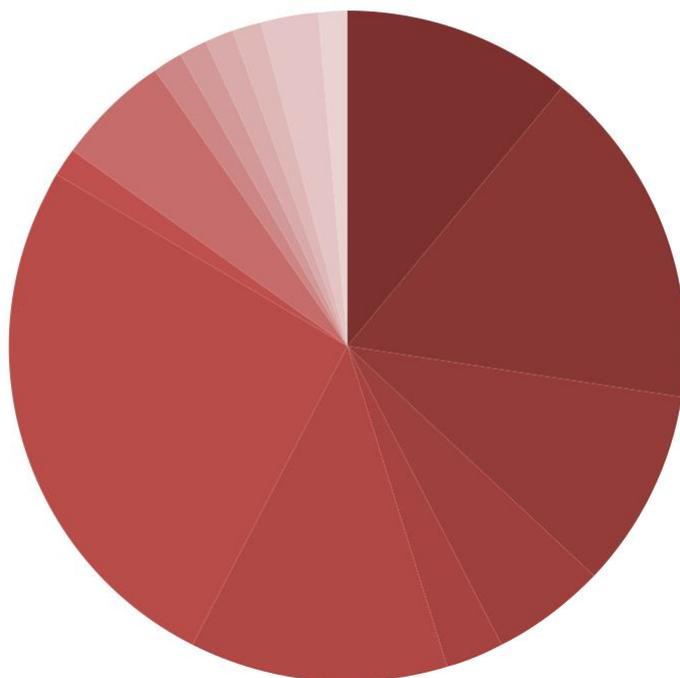
**Gráfico 10 – Elemento mais emblemático Fonte: Ana Filipa, AMORIM**

Os itens examinados neste gráfico, por ordem decrescente, foram:

- 1º) **Saia** com 14 inquiridos
- 2º) **Lenço e Avental** com 10 inquiridos, respetivamente
- 3º) **Colete** com 9 inquiridos
- 4º) Nula com 9 inquiridos
- 5º) Não Respondeu com 7 inquiridos
- 6º) Boina, camisa, socas, xaile, chapéu, caneca, bengala, manta com 3 inquiridos, respetivamente.

**Pergunta 12:** Qual o elemento/componente que transmite mais identidade cultural acerca de Mondim de Basto?

■ AVENTAL ■ LENÇO ■ SOCAS ■ XAILE ■ BOINA ■ NULA ■ N.R. ■ SAIA  
 ■ MUSICA ■ CAJADO ■ CANECA ■ DANÇA ■ CABAÇA ■ COLETE ■ CHAPEU

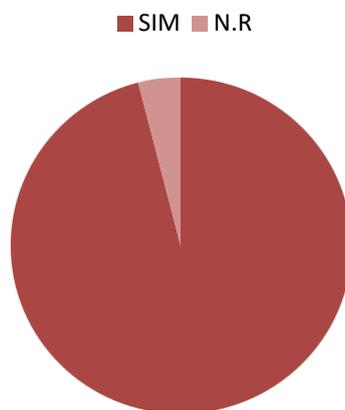


**Gráfico 11 – Elemento com mais identidade Fonte: Ana Filipa, AMORIM**

Os itens examinados neste gráfico, por ordem decrescente, foram:

- 1º) **Não Respondeu** com 19 inquiridos
- 2º) **Lenço** com 12 inquiridos
- 3º) Nula com 9 inquiridos
- 4º) Avental com 8 inquiridos
- 5º) Socas com 7 inquiridos
- 6º) Xaile e música com 4 inquiridos, respetivamente
- 7º) Boina e colete com 2 inquiridos, respetivamente
- 8º) Saia, cajado, dança, caneca, cabaça, chapéu com 1 inquirido, respetivamente.

**Pergunta 13:** Considera importante manter reavivar as tradições e culturas portuguesas?

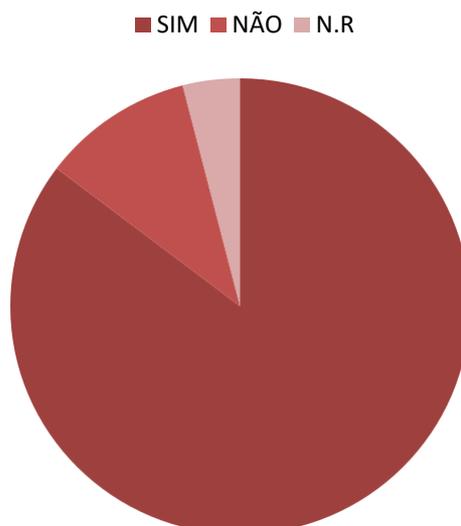


**Gráfico 12 – Importância das Tradições Fonte: Ana Filipa, AMORIM**

Os itens examinados neste gráfico, por ordem decrescente, foram:

- 1º) **Responderam Sim** - 72 inquiridos
- 2º) **Não Responderam** - 3 inquiridos

**Pergunta 14:** Gostava que o traje fosse reavivado?



**Gráfico 13 – Traje Reavivado Fonte: Ana Filipa, AMORIM**

Os itens examinados neste gráfico, por ordem decrescente, foram:

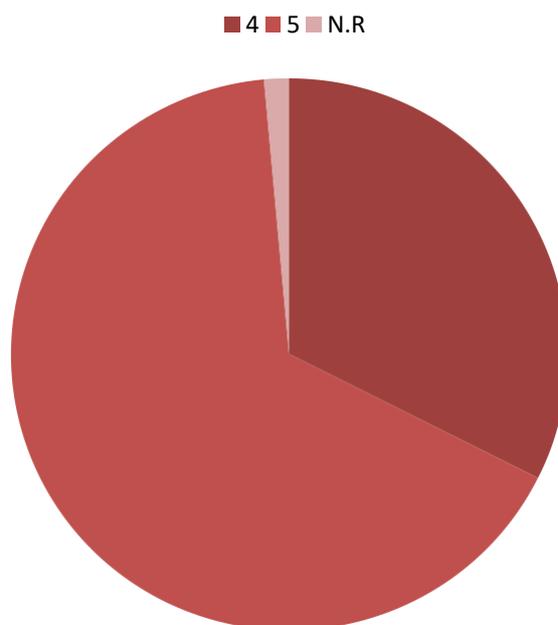
1º) **Sim** - com 64 inquiridos

2º) Não - com 8 inquiridos

3º) Não - Respondeu com 3 inquiridos

**Pergunta 15:** Considera importante um estudo/investigação que clarifique a identidade do traje Romeiro?

(Classifique de 1 a 5 sendo que 1 representa “Nada importante” e 5 “Muito importante”).



**Gráfico 14 – Importância de um estudo/investigação Fonte: Ana Filipa, AMORIM**

Os itens examinados neste gráfico, por ordem decrescente, foram:

1º) **Muito Importante** (5) com 45 inquiridos

2º) Importante (4) com 22 inquiridos

3º) Não Respondeu com 1 inquirido

### **1.3. Considerações para a fase de projeto**

O estudo sobre o traje, assim como a análise aos inquéritos, realça a importância deste evento municipal para os Mondinenses.

Desde sempre que os Mondinenses têm interesse pelo Traje do Romeiro, no sentido que para eles este é o símbolo da Tradição e da Festa da terra. Constata-se que o traje Romeiro é fruto do ritual da peregrinação, sendo Mondim de Basto um local de alojamento para aqueles que percorriam o caminho da fé até ao Monte de Nossa Senhora. Mondim de Basto é uma terra da região portuguesa de Trás-os-Montes que se caracteriza pela tradição de rituais, de cantares, de danças e costumes provenientes de vários pontos do país, principalmente, da região do Minho. Neste sentido, é possível concluir que se trata de um lugar de fronteira, de diversidade étnica e cultural. e, conseqüentemente, é possível defini-la como uma região mestiça. Ou seja, como referem François Laplantine e Alexis Nouss no livro “Mestiçagem”, trata-se da escolha de beneficiar no sentido da origem da palavra Mestiçagem. “(...) a partir do *mixtus* (do latim) significa "misturado" aparece pela primeira vez no contexto da colonização, e no campo da biologia para designar cruzamentos genéticos e produção de fenótipos. Porém mestiçagem não é meramente biológico e apresenta extrema relevância em diversos campos.” (LAPLANTINE, NOUSS cit in FREITAS, 2018: 38), como, por exemplo, no design e na cultura do desenho. Hoje em dia, a designação de Romeiros remete-se ao povo de Mondim de Basto que vai para a rua para comemorar e lembrar a passagem dos romeiros pela vila. Assim, a maioria das pessoas sabe quais são os elementos dos trajes masculino e feminino visto que, desde sempre, ouvirem as histórias dos seus antepassados sobre essa noite inesquecível.

Considerando a reflexão acerca do conceito de mestiçagem e dos dados dos inquéritos, constata-se que o traje feminino é composto por 5 elementos e o traje masculino por 6 elementos.

A **saia** é considerada o elemento mais emblemático no traje feminino, sendo de seguida o lenço e o avental. No traje masculino o **colete** é o elegido como o elemento mais emblemático.

O **lenço** é o elemento em comum nos dois trajes sendo que o da mulher é o “lenço da madeira, ou o lenço de lã” e o lenço do homem é o “lenço vermelho”. Este elemento é, também, considerado como o componente do traje mais emblemático e portador de mais identidade cultural.

Nota-se, um grande desejo da maioria dos mondinenses por manter viva a tradição e a cultura portuguesa, como também o desejo de reavivar o traje do romeiro, com isto mantendo uma identidade própria no município de Mondim de Basto. As pessoas inquiridas confrontadas com a questão de existir um estudo sobre o traje do Romeiro, responderam todas que este estudo será de muita importância para o lugar.

Para a fase de projeto tiraram-se as seguintes conclusões:

- Mondim de Basto como **um lugar entre a tradição e a inovação**.
- Considerar o conceito de **Mestiçagem** como elemento portador de cultura de Mondim de Basto.
- Refletir acerca do conceito de **Fronteira** como elemento caracterizante do lugar.
- No traje de Romeiro, considerar e analisar a **saia da mulher, o colete do homem e o lenço**.

## **2. TRABALHO DE CAMPO: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

### **2.1. Objetivos**

A fim de obter mais informações, devidamente fundamentadas e fidedignas, em relação ao traje do romeiro, foram feitas entrevistas previamente estipuladas e pensadas.

Inicialmente, recorreremos a pessoas de Mondim de Basto na intenção de perceber a verdadeira história do Romeiro, nomeadamente, compreendendo como tudo começou, como decorre no dia de hoje e quais são as perspetivas para o futuro. Com o decorrer do trabalho de campo optámos, também, por entrevistar alguém que não sendo natural de Mondim de Basto, trabalha para o município como consultor. Assim, foram entrevistadas 3 pessoas, com idades compreendidas entre os 50 e os 67 anos, com diferentes formações académicas e profissões.

Para analisar eficazmente este ponto, a apresentação dos inquiridos é tratada num quadro, ao longo deste capítulo podemos ver enxertos das respostas dos inquiridos e em anexo desta investigação encontram-se as entrevistas completas.

### **2.2. Análise dos dados**

Os entrevistados foram escolhidos em função da sua ligação com Mondim de Basto e o gosto e conhecimento pela tradição dos Romeiros. Neste sentido, realizaram-se entrevistas a três profissionais distintos ligados, direta ou indiretamente ao município de Mondim de Basto.

A primeira entrevista foi conjunta, realizada a Luísa Lemos e Luís Oliveira, mondinenses que desde sempre se interessaram pelos Romeiros e fizeram parte da implementação da Noite dos Romeiros nas festas do concelho de Mondim de Basto. A segunda entrevista foi realizada ao Arquiteto Manuel de Carvalho e Sousa, coorientador desta investigação e consultor no Município.

Nome	Idade	Nacionalidade	Profissão	Local da entrevista
<b>Luísa Lemos</b>	62	Portuguesa	Técnica do Turismo	Loja Interativa de Turismo de Mondim de Basto
<b>Luís Oliveira</b>	67	Portuguesa	Aposentado da Autarquia	Loja Interativa de Turismo de Mondim de Basto
<b>Manuel Sousa</b>	50	Portuguesa	Arquiteto	Escola Superior de Tecnologia e Gestão do IPVC

**Tabela 1** - Quadro síntese da informação básica dos entrevistados. Fonte: Ana Filipa, AMORIM

## 2.2.1 Questões colocadas aos entrevistados

Para uma melhor análise das entrevistas foi necessário focarmo-nos no que os entrevistados tinham em comum, sendo que em algumas questões este tem por vezes opiniões semelhantes e em outras consideram fatores diferentes.

### 2.2.1.1. Questões colocadas a Luísa Lemos e a Luís Oliveira:

- 1- Quando começou o seu interesse pelo Traje Romeiro?
- 2- O que é para si o traje?
- 3- Como nasceu o traje Romeiro? Qual a sua influência?
- 4- Para o desenvolvimento do traje que formação se deve ter? Especifique os conhecimentos essenciais para se poder exercer esta profissão?
- 5- Considera importante manter vivas as tradições e culturas portuguesas? E na criação de um traje, é importante ter em conta as características do lugar?
- 6- Porque é importante clarificar a identidade do traje Romeiro?

### **2.2.1.2. Questões colocadas a Manuel Sousa:**

- 1- Quando começou o seu interesse pela tradição e pela cultura de Mondim de Basto?
- 2- Qual a importância das políticas de cultura de Mondim de Basto?
- 3- Em que medida o traje Romeiro pode ser um veiculador cultural?
- 4- O que é o Traje Romeiro de Mondim de Basto?**
- 5- Como nasceu o traje Romeiro? O que é para si o traje Romeiro?
- 6- Quantos elementos tem o traje Romeiro? Quais as principais características do mesmo?
- 7- Para o desenvolvimento do traje que formação se deve ter? Especifique os conhecimentos essenciais para se poder exercer esta profissão?**
- 8- Que relação o artesão deve estabelecer com o designer de vestuário de moda?
- 9- Considera importante manter vivas as tradições e culturas portuguesas? E na criação de um traje, é importante ter em conta as características do lugar?**
- 10- Porque é importante clarificar a identidade do traje Romeiro?**
- 11- Gostava que o traje fosse reavivado? Por exemplo, interpretado no âmbito da moda?

### **2.2.2 Análise das respostas à questão “O que é o Traje Romeiro de Mondim de Basto?”**

Com esta pergunta pretende-se descobrir o que é para os entrevistados o traje Romeiro sendo que as respostas são bastante distintas.

No caso de Luísa Lemos que desde a infância sente de perto esta tradição ela refere, “O traje no fundo é a marca da nossa identidade, e é bom que se perceba já desde o princípio que nos não somos os romeiros, nos só fomos o recetor, eramos o local recetor de passagem e que herdamos a festa e ficamos marcados

por isso, mas não fazíamos festa quem fazia eram eles, eles é que vinham. Deve imaginar numa terra tao pequenina que aquilo para nos era uma festa, vê-los a chegar tantos, tantos, tantos e depois dançavam toda a noite, cantavam.”<sup>13</sup>

Manuel Sousa refere que “O traje é apenas a preservação de um modo de vestir que hoje pode ser explorado noutras vertentes, porque tem padrões de têxteis de desenho das roupas que hoje podem ser reinterpretadas e repescadas. O estilo do romeiro é apenas uma memória do passado.”<sup>14</sup>

### **2.2.3 Análise das respostas á questão “Para o desenvolvimento do traje que formação se deve ter? Especifique os conhecimentos essenciais para se poder exercer esta profissão?”**

Quanto a formação necessária para o desenvolvimento do traje, as opiniões são unânimes. Os três entrevistados afirmam que quem costurava as roupas eram as mulheres da época, Luís Oliveira declara ainda “A maior parte das mulheres costurava, sabiam fazê-lo em casa.”<sup>15</sup> Luísa Lemos completa ainda a afirmação “Mesmo os bordados eram elas que faziam, acredito que havia sempre uma ou outra mais profissional, mais habilidosa, mas de uma forma geral cada uma fazia o seu.”<sup>16</sup>

Da mesma forma pensa o arquiteto Manuel Sousa “Eu acho que qualquer pessoa faria as suas próprias roupas desde que elas saibam aquilo que são os elementos de base da sua identidade, temos que perceber é que o principal é a pessoa estar com uma forte sensibilidade sobre qual é a sua identidade e os seus valores e o seu gosto, em função disto projetar uma roupa porque se não temos esta ligação podemos no limite ir buscar roupas a china e ir assim.”<sup>17</sup>

---

<sup>13</sup> LEMOS L., 2018, Entrevista a Luísa Lemos, 28-05-2018, Mondim de Basto

<sup>14</sup> SOUSA M., 2018, Entrevista a Manuel Sousa, 29-05-2018, Viana do Castelo

<sup>15</sup> OLIVEIRA L., 2018, Entrevista a Luís Oliveira, 28-05-2018, Mondim de Basto

<sup>16</sup> LEMOS L., 2018, Entrevista a Luísa Lemos, 28-05-2018, Mondim de Basto

<sup>17</sup> SOUSA M., 2018, Entrevista a Manuel Sousa, 29-05-2018, Viana do Castelo

#### **2.2.4 Análise das respostas á questão “Considera importante manter vivas as tradições e culturas portuguesas? E na criação de um traje, é importante ter em conta as características do lugar?”**

Quanto à importância das tradições e culturas portuguesas serem mantidas vivas e terem em conta as características do lugar, os entrevistados acreditam que é muito importante.

Luísa Lemos que vive em Mondim de Basto desde sempre afirma que, “Para nos é muito importante ainda por cima temos esta romaria.”<sup>18</sup>

Manuel Sousa acredita que, “é muito importante, nos temos que pensar que se preservarmos um modo de vestir estamos a preservar a história. E uma das formas interessantes de preservar a história não é num museu é preservar nas pessoas, em que as pessoas tem prazer em ter uma história ao vivo e isso é uma história viva, é como chamavam uma eco museologia em que do ponto de vista da equação humana eu não tenho um traje numa prateleira num museu ou num manequim, mas são pessoas que vivem essas roupas e essas roupas continuam a ser produzidas e continuam a ser gastas e isso é uma forma muito interessante e que atrai em termos até de estrutura de armação turística, atrai muitas mais pessoas do que ver coisas estáticas.”<sup>19</sup>

#### **2.2.5 Análise das respostas á questão “Porque é importante clarificar a identidade do traje Romeiro?”**

A questão que visa entender a importância de clarificar a identidade do traje Romeiro, varia de entrevistado para entrevistado. “Tu tens uma história muito importante aqui da vila para contar, o traje é uma das provas disso, se o vamos adulterar, fica a história adulterada, é uma perda de identidade. Nós como te disse,

---

<sup>18</sup>LEMOS L, 2018, Entrevista a Luísa Lemos, 28-05-2018, Mondim de Basto

<sup>19</sup>SOUSA M., 2018, Entrevista a Manuel Sousa, 29-05-2018, Viana do Castelo

não somos os romeiros, mas vivemos e conseguimos ver alguma coisa disso, era o retrato mais fidedigno que podia haver.”<sup>20</sup> defende Luísa Lemos.

Manuel Sousa considera que “ é melhor não clarificar porque se foi uma coisa que surgiu da forma espontânea e chegou onde esta hoje ela tem uma razão e é importante perceber essa razão, (...) E portanto, a melhor solução é analisá-lo, ver de que é que ele é composto qual foi a sua coerência em termos do tempo sempre que a traje criam portanto vão mudando, ou aqui como era um sistema informal perceber se ele foi mudando ao longo dos tempos ou se se manteve de forma consistente a longo dos tempos.”<sup>21</sup>

### 2.3. Considerações para a fase de projeto

Após a análise das respostas dos entrevistados conclui-se que:

- Há um interesse crescente em recuperar as tradições, manter os hábitos e as identidades e até reinventá-las. Este ponto reforça a conclusão dos inquéritos de que Mondim de Basto é um **lugar entre a tradição e a inovação**.
- Os entrevistados revelam que “o traje não é só um, nem hoje é, nem nunca vai ser. É um apanhado de toda a região, e não só, tinha também muito a ver com a faixa etária, com as possibilidades financeiras classe social (...) Tinham um traje mais fino mais requintado, era muito bonito ver tanto ele como ela a chegar de preto.”<sup>22</sup> . Este ponto reforça a conclusão dos inquéritos de considerar o conceito de **Frenteira** como elemento caracterizante do lugar.
- Relativamente a elementos culturais da cultura imaterial salienta-se a **Música, a Dança e Histórias** do que acontecia na noite da romaria “É que

---

<sup>20</sup> LEMOS L., 2018, Entrevista a Luísa Lemos, 28-05-2018, Mondim de Basto

<sup>21</sup> SOUSA M., 2018, Entrevista a Manuel Sousa, 29-05-2018, Viana do Castelo

<sup>22</sup> LEMOS L., 2018, Entrevista a Luísa Lemos, 28-05-2018, Mondim de Basto

é muito engraçado esta romaria, a romaria dos mortos vivos, era uma coisa extraordinária, nunca vi disto em lado nenhum. Faziam promessas e subiam lá cima. Quem tivesse uma doença muito grave, que estivesse às portas da morte prometia à Senhora “eu, se me salvar vou pagar a promessa lá cima” iam com caixões ao monte de nossa senhora da graça e lá a família transportava-os e davam umas quantas voltas, iam com uma banda a tocar e havia a figura, esta que me estava a referir, dos amortalhados, quem tivesse essa promessa, passava aqui vestido normalmente e por cima uma mortalha branca, que se levava no funeral. Os amortalhados vinham de cirio na mão e com uma mortalha.”<sup>23</sup> Este ponto considera Mondim como um lugar entre o profano e o religioso e reforça a conclusão dos inquéritos de considerar o conceito de **Mestiçagem** na fase de projeto como elemento portador de cultura de Mondim de Basto.

- Elementos do traje que variam de género de classe social. “Eu não sei quantos elementos tem o traje do romeiro porque nunca olhei desse ponto de vista de o contar, embora a gente saiba que é muito comum nos homens o **colete** e a **boina**, são elementos importantes, sabemos também que as mulheres o normal era a **saia** e o **lenço**, este que também cobria a cabeça muitas vezes, funcionava como um véu, era uma questão também de algum respeito. Enquanto os homens na igreja destapam a cabeça a mulher tapa a cabeça, havia aqui um bocado de contradição entre sexos, mas a forma de respeito era diferente do homem para a mulher, a forma como se cobria.”<sup>24</sup>
- Projetar produtos conjugando a tradição e o espírito do lugar “Eu acho que faz todo o sentido, criar uma imagem de modernidade, faz sentido é pegar na tradição e dar-lhe modernidade, no caso modernidade com base na tradição é distinta doutra modernidade, é uma modernidade com raízes, é

---

<sup>23</sup> OLIVEIRA L., 2018, Entrevista a Luís Oliveira, 28-05-2018, Mondim de Basto

<sup>24</sup> SOUSA M., 2018, Entrevista a Manuel Sousa, 29-05-2018, Viana do Castelo

uma modernidade que assenta no território, é uma modernidade que tem identidade, portanto desse ponto de vista faz todo o sentido que assim seja.”<sup>25</sup>

• Este ponto reforça a conclusão dos inquiridos de considerar como objeto deste estudo a **saia da mulher**, o **colete do homem** e/ou o **lenço**.

### **3. LEVANTAMENTO PELO DESENHO DA TIPOLOGIA ESCOLHIDA: SAIA DA MULHER**

#### **3.1. Apresentação do tema**

Na fase anterior, especificamente, 14 inquiridos responderam que a saia era o componente/elemento mais emblemático do Traje Romeiro de Mondim de Basto. A saia assumia-se como uma expressão da mulher que a confeccionava em função das suas necessidades, do seu estatuto social, do tempo e do lugar de pertença, no sentido que Mondim de Basto é um lugar da região transmontana vizinho da região minhota.

O fator espaço é importante para conhecer e compreender a saia do traje Romeiro de Mondim de Basto, porque potencia o conceito “Limítrofe” como um elemento importante para pensar a fase de projeto. Como afirma Luísa Lemos “o traje no fundo é a marca da nossa identidade, e é bom que se perceba já desde o principio que nós não somos os romeiros, nós só fomos o recetor, eramos o local recetor de passagem e que herdamos a festa e ficamos marcados por isso, mas não fazíamos festa quem fazia eram eles, eles é que vinham. Deve imaginar numa terra tao pequenina que aquilo para nós era uma festa, vê-los a chegar tantos, tantos, tantos e depois dançavam toda a noite, cantavam.”<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup>SOUSA M., 2018, Entrevista a Manuel Sousa, 29-05-2018, Viana do Castelo

<sup>26</sup>LEMOS L., 2018, Entrevista a Luísa Lemos, 28-05-2018, Mondim de Basto

Mondim de Bastos, de local recetor de passagem, fortalece a ideia de interpretar a saia como um repositório de lembranças de lugares fronteiriços, um atlas de imagens veiculador de emoções e de conhecimento.

### **3.2. Fichas tipológicas de arquétipos de saias do final do século XIX e meados do século XX**

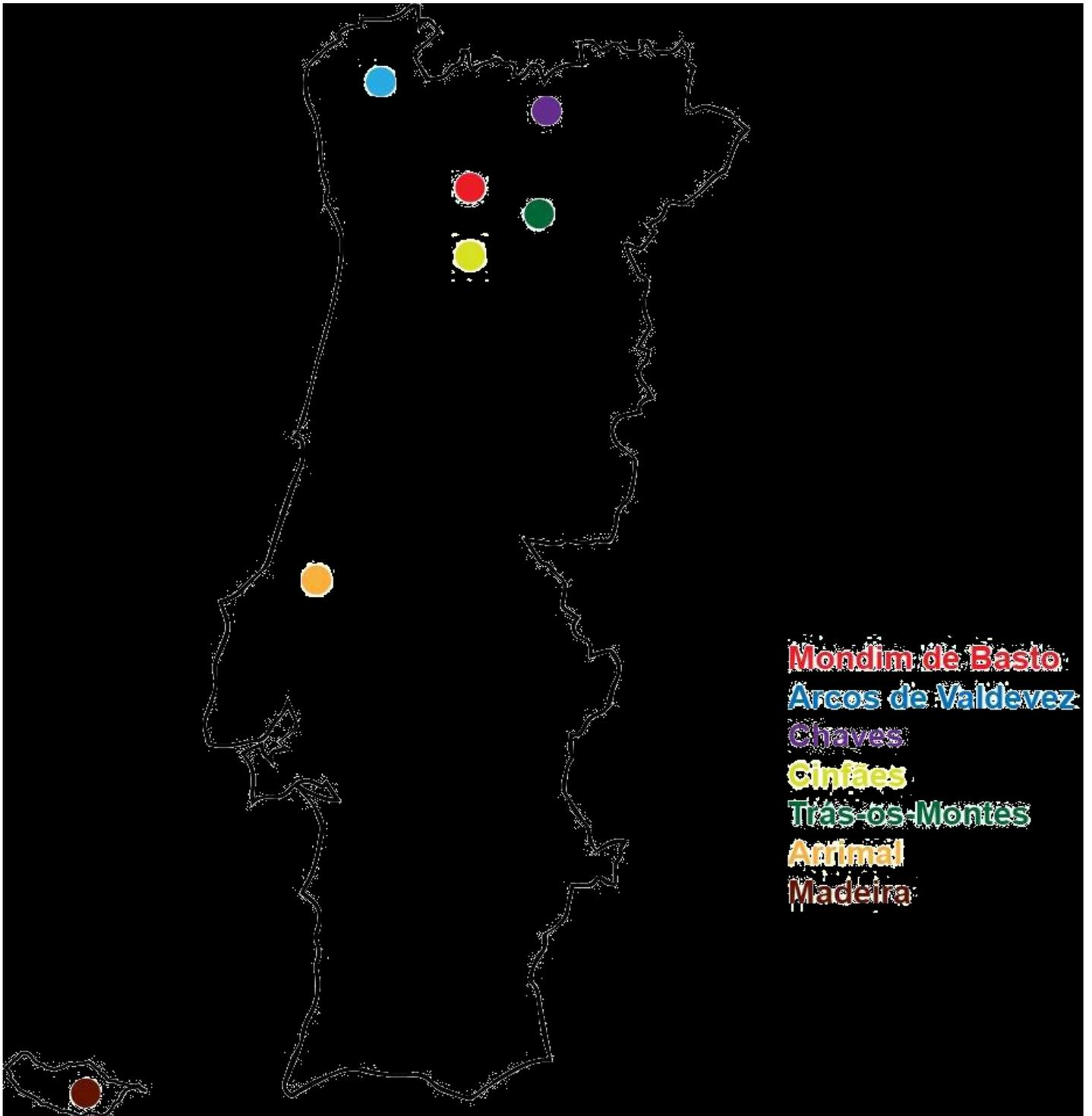
A realização de fichas tipológicas é muito importante para percebermos como eram as saias antigamente. Segundo Munari “(...) não se deve projectar sem um método, pensar de forma artística procurando logo a solução, sem se ter feito uma pesquisa para se documentar acerca do que já foi feito de semelhante ao que se quer projectar; sem saber que materiais utilizar para a construção, sem ter precisado bem a sua exacta função.” (MUNARI, 1981: 20)

Em relação ao tema deste estudo realizaram-se 10 fichas tipológicas de saias, de algumas zonas do Norte de Portugal, mais precisamente Arrimal e Arcos de Valdevez que ainda hoje tem pessoas devotas a Nossa Sr. Da Graça, Cinfães, Trás-os-Montes, Chaves, distritos que fazem fronteira com Mondim de Basto, e o arquipélago da Madeira pois representa uma das formas de vestir tradicional da época.

As fichas técnicas são realizadas com a base de livros de etnografia e artesanato português, juntamente com sites de ranchos folclóricos dos distritos referidos anteriormente. O arquétipo da saia é uma saia antiga, de finais do século XIX e primeira metade do século XX (OLIVEIRA, 2018)<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Entrevista a Luís Oliveira, 28-05-2018, Mondim de Basto).



**Figura 5** - Mapa dos intervenientes envolvidos nas fichas tipológicas. Fonte: Ana Filipa AMORIM

### 3.2.1. Ficha Técnica da Saia da Madeira

<p><b>Modelo</b> Saia da Madeira</p> <p><b>Ano:</b> Séc. XX</p> <p><b>Técnica</b> Tecido num tear tradicional e confeccionado à mão.</p> <p><b>Descrição</b> Saia rodada, de fabrico artesanal, em "seriguilha" (mistura de lã e "estopa" de linho, tecidos num tear). Possui listas vermelhas verticais, cós e uma "vira", a "debroar", de cor amarela. Faz parte do traje feminino, que era utilizado nas zonas altas, no concelho da Ribeira Brava.</p> <p><b>Fonte da imagem</b> <a href="https://museus.madeira.gov.pt/DetalhesObra/Index/925?tipo=OBJ">https://museus.madeira.gov.pt/DetalhesObra/Index/925?tipo=OBJ</a> Acedido: 27/11/2018</p>	Matéria Prima		
	Nome	Composição	Cor
	Seriguilha	Lã de Ovelha Estopa de Linho	
	 		

### 3.2.2. Ficha Técnica da Saia do Traje de Pastora (Cinfães)

<p><b>Modelo:</b> Saia de Pastora</p> <p><b>Ano:</b> Séc. XX</p> <p><b>Técnica:</b> Tecido num tear tradicional e confeccionado à mão.</p> <p><b>Descrição:</b> A mulher usava um traje de trabalho normal e agasalhava-se com a capucha e meias de lã. Calçava uns socos ou socas para proteção. Durante as horas de vigia do gado, aproveitava para fazer fiar alguma lã, usando a roca e o fuso, ou então a “trança” de palha para fazer os chapéus muito usados na zona mais serrana.</p> <p><b>Fonte da imagem</b> <a href="https://cantascraoiscinfaes.org/index.php">https://cantascraoiscinfaes.org/index.php</a> Acedido: 27/11/2018</p>	Matéria Prima		
	Nome	Composição	Cor
	Seriguilha	Lã de Ovelha Estopa de Linho	
	 		

### 3.2.3. Ficha Técnica da Saia do Trajes de ir à Festa ou Romaria (Cinfães)

<p><b>Modelo:</b> Saia de Romeira</p> <p><b>Ano:</b> Sec. XX</p> <p><b>Técnica:</b> Tecido num tear tradicional e confeccionado à mão.</p> <p><b>Descrição:</b> as saias de armur amarelo-torrado ou verde; saio de crochet</p> <p><b>Fonte da imagem</b> <a href="https://cantascramoisinfes.org/index.php">https://cantascramoisinfes.org/index.php</a> Acedido: 27/11/2018</p>	<b>Matéria Prima</b>		
	<b>Nome</b>	<b>Composição</b>	<b>Cor</b>
	Seriguilha	Lã de Ovelha Estopa de Linho	/
			

### 3.2.4. Ficha Técnica da Saia do Traje Domingueiro (Cinfães)

<p><b>Modelo</b> Saia de Domingueira</p> <p><b>Ano</b> Séc. XX</p> <p><b>Técnica</b> Tecido num tear tradicional e confeccionado à mão.</p> <p><b>Descrição</b> mulher com saia de armur, leiras de seda ou chita enfeitada com fitas de veludo ou outras guarnições e blusa de aba. Na cabeça usa lenço de seda de cores garridas.</p> <p><b>Fonte da imagem</b> <a href="https://cantasramoisconfaes.org/index.php">https://cantasramoisconfaes.org/index.php</a> Acedido: 27/11/2018</p>	<b>Matéria Prima</b>		
	<b>Nome</b>	<b>Composição</b>	<b>Cor</b>
	Seriguilha	Lã de Ovelha Estopa de Linho	/
	Seda		/
	Veludo		/
			

### 3.2.5. Ficha Técnica da Saia do Traje de Lavadeira (Arrimal)

<p><b>Modelo</b> Saia de Lavadeira</p> <p><b>Ano:</b> Séc. XX</p> <p><b>Técnica</b> Tecido num tear tradicional e confeccionado à mão.</p> <p><b>Descrição</b> saia de riscado com barra do mesmo tecido, enviesada com fitas de algodão na roda, levantada do lado direito, e presa na cintura com um alfinete para não se molhar na lagoa quando lavava</p> <p><b>Fonte da imagem</b> <a href="http://www.rfluzdoscandeiros.com/">http://www.rfluzdoscandeiros.com/</a> Acedido: 27/11/2018</p>	Matéria Prima		
	Nome	Composição	Cor
	Seriguilha	Lã de Ovelha Estopa de Linho	
Algodão			



The image shows a woman wearing a blue headscarf, a white patterned long-sleeved shirt, and a dark skirt with a white apron. She is standing on a rocky bank next to a river, leaning over and washing a large piece of purple and white patterned fabric. A green and white bowl is on the ground nearby. The background shows a river with some vegetation on the opposite bank.

### 3.2.6. Ficha Técnica da Saia do Traje de Tecedeiras (Arrimal)

<p><b>Modelo</b> Saia de Tecedeira</p> <p><b>Ano</b> Sec. XX</p> <p><b>Técnica</b> Tecido num tear tradicional e confeccionado à mão</p> <p><b>Descrição</b> saia riscada com barra do mesmo tecido, enviesada com fitas de algodão na roda, com avental riscado a sobrepor a saia.</p> <p><b>Fonte da imagem</b> <a href="http://www.rfluzdoscandeiros.com/">http://www.rfluzdoscandeiros.com/</a> Acedido: 27/11/2018</p>	<b>Matéria Prima</b>		
	<b>Nome</b>	<b>Composição</b>	<b>Cor</b>
	Seriguilha	Lã de Ovelha Estopa de Linho	/
	Algodão	/	/
			

### 3.2.7. Ficha Técnica da Saia do Traje Domingueiro (Arrimal)

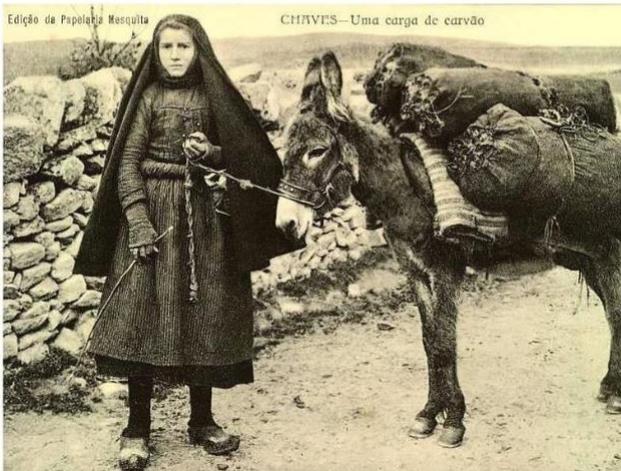
<b>Modelo</b> Saia de Domingueira <b>Ano</b> Sec. XX <b>Técnica</b> Tecido num tear tradicional e confeccionado à mão. <b>Descrição:</b> A mulher usava saia e blusa de algodão às flores com rendas, a saia com fitas de algodão na roda <b>Fonte da imagem</b> <a href="http://www.rfluzdoscandeeiros.com/">http://www.rfluzdoscandeeiros.com/</a> Acedido: 27/11/2018	<b>Matéria Prima</b>		
	<b>Nome</b>	<b>Composição</b>	<b>Cor</b>
	Algodão		



### 3.2.8. Ficha Técnica da Saia do Traje de trabalho (Tras-os-Montes)

<p><b>Modelo</b> Saia de Trabalho</p> <p><b>Ano</b> Sec. XX</p> <p><b>Técnica</b> Tecido num tear tradicional e confeccionado à mão.</p> <p><b>Descrição:</b> Uma mulher com posses usava além da enágua um, dois ou até mais saiotos de lã. Por cima destes a saia de fora, de saragoça, estamenha ou burel geralmente de cores mais escuras (preto ou roxo).</p> <p><b>Fonte da imagem</b> Emilio Biel princ XX douro © <a href="http://gisaweb.cm-porto.pt/">http://gisaweb.cm-porto.pt/</a></p>	Matéria Prima		
	Nome	Composição	Cor
	Saragoça, estamenha ou burel		
			

### 3.2.9. Ficha Técnica da Saia do Traje de Trabalho (Chaves)

<p><b>Modelo</b> Saia de Trabalho</p> <p><b>Ano</b> Sec. XX</p> <p><b>Técnica</b> Tecido num tear tradicional e confeccionado à mão.</p> <p><b>Descrição:</b> A mulher usava saia de lã, saragoça ou burel de cores escuras, sem adornos para poder trabalhar.</p> <p><b>Fonte da imagem</b> delcampe.net</p>	<b>Matéria Prima</b>		
	<b>Nome</b>	<b>Composição</b>	<b>Cor</b>
	Saragoça, lã, ou burel	/	/
	 <p><small>Edição da Papelaria Mesquita</small> <span style="float: right;"><small>CHAVES—Uma carga de carvão</small></span></p>		
	 <p><small>Edição da Papelaria Mesquita</small> <span style="float: right;"><small>CHAVES—Grupo de barrozeis</small></span></p>		

### 3.2.10. Ficha Técnica da Saia do Traje de Domingueiro (Arcos de Valdevez)

<p><b>Modelo Matéria Prima</b> Saia de ir à Missa</p> <p><b>Ano</b> Sec. XX</p> <p><b>Técnica</b> Tecido num tear tradicional e confeccionado à mão.</p> <p><b>Descrição:</b> Saia de ir à missa, feita confeccionada em casa com tirinhas de veludo para enfeitar a saia, normalmente de cores escuras</p> <p><b>Fonte da imagem</b>Ana Filipa Amorim</p>			
	<b>Nome</b>	<b>Composição</b>	<b>Cor</b>
	Burel		
	Veludo de		
			
			

### 3.3. Levantamento de um arquétipo de saia

#### 3.3.1. Componentes da saia

Considerando o estudo anterior realizou-se o levantamento, pelo desenho, da tipologia identificada. A saia é constituída por 3 (três) partes distintas:

- 1) A saia enquanto parte exterior,
- 2) o Forro da saia como parte interior;
- 3) o Cós da Saia.

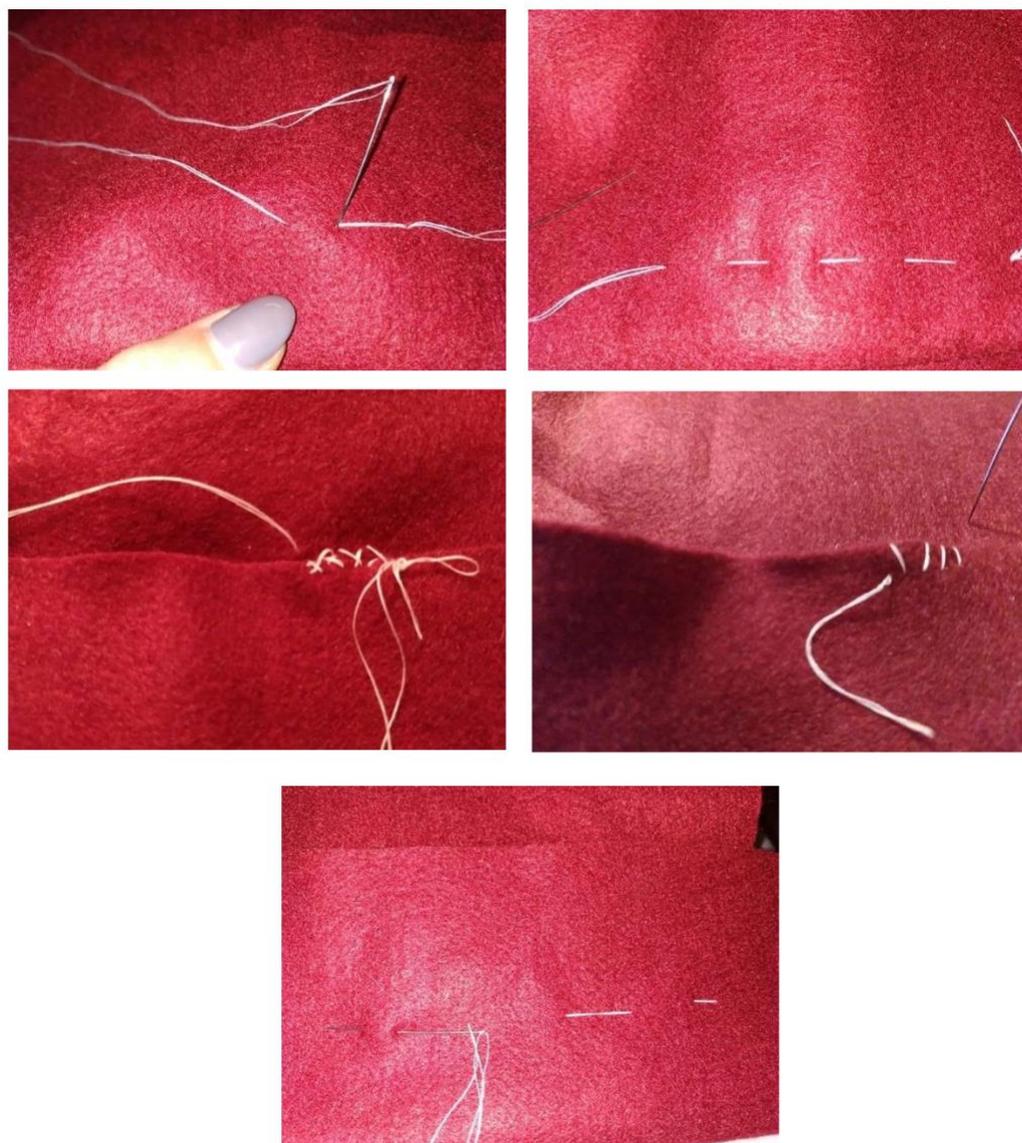
O levantamento do arquétipo foi realizado partindo de uma saia tradicional, ainda hoje usada num grupo etnográfico da região de Vila Chã. O trabalho de campo foi realizado com a Vânia Alves do grupo Folclórico Vila Chã S. João Baptista.



**Figura 6** - Da esquerda para a direita: Bainha da saia com forro. “Forro” da saia com fita de enfeite superior e inferior. Cós da Saia Fonte: Ana Filipa AMORIM

### 3.3.2. Primeiros pontos de costura

Durante o trabalho de campo foi possível identificar os pontos de costura usados na confecção das 3 (três) partes que definem a saia. Neste caso, tratam-se de ponto muito simples, próprios da cultura autóctone. Os pontos utilizados são 1) O ponto atrás, 2) O ponto corrido, 3) O ponto cruzado, 4) O ponto luva e 5) O Ponto de alinhavo (ver figura 7).



**Figura 7** - Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Ponto atrás; Ponto corrido; Ponto cruzado; Ponto luva; Ponto de alinhavo. Fonte: Ana Filipa AMORIM

# TERCEIRA FASE

## 1. Experimentação e criação de hipóteses de projeto

Considerando que o traje de Mondim de Basto tem influências das terras vizinhas do município, nomeadamente, da região do Minho, para o desenho da saia este estudo assenta na flora das regiões fronteiriças.

Por um lado, analisou-se a árvore do Pinheiro manso, nomeadamente, o tronco do Pinheiro Bravo tão característico da zona norte de Portugal.

Por outro lado, como as flores são um dos elementos simbólicos que qualificam o traje tradicional, nesta fase de experimentação escolheram-se a Flor Silvestre (inspiração para bordados nas zonas de Carreço e Afife) e a Flor da Camélia (a japoneira no traje de Viana).



**Figura 8** - Da esquerda para a direita: Tronco de Pinheiro Bravo<sup>28</sup>. Flores Silvestres do Município de Viana do Castelo<sup>29</sup>. Flor de Camélia do Município da Celorico de Basto<sup>30</sup>.

Na fase de experimentação desenvolveram-se alguns modelos de estudo, explorando os materiais para se perceber as escolhas na fase projetual. Neste

---

<sup>28</sup>Fonte : <http://www.florestar.net/pbravotr.jpg> acedido em 14/02/2019

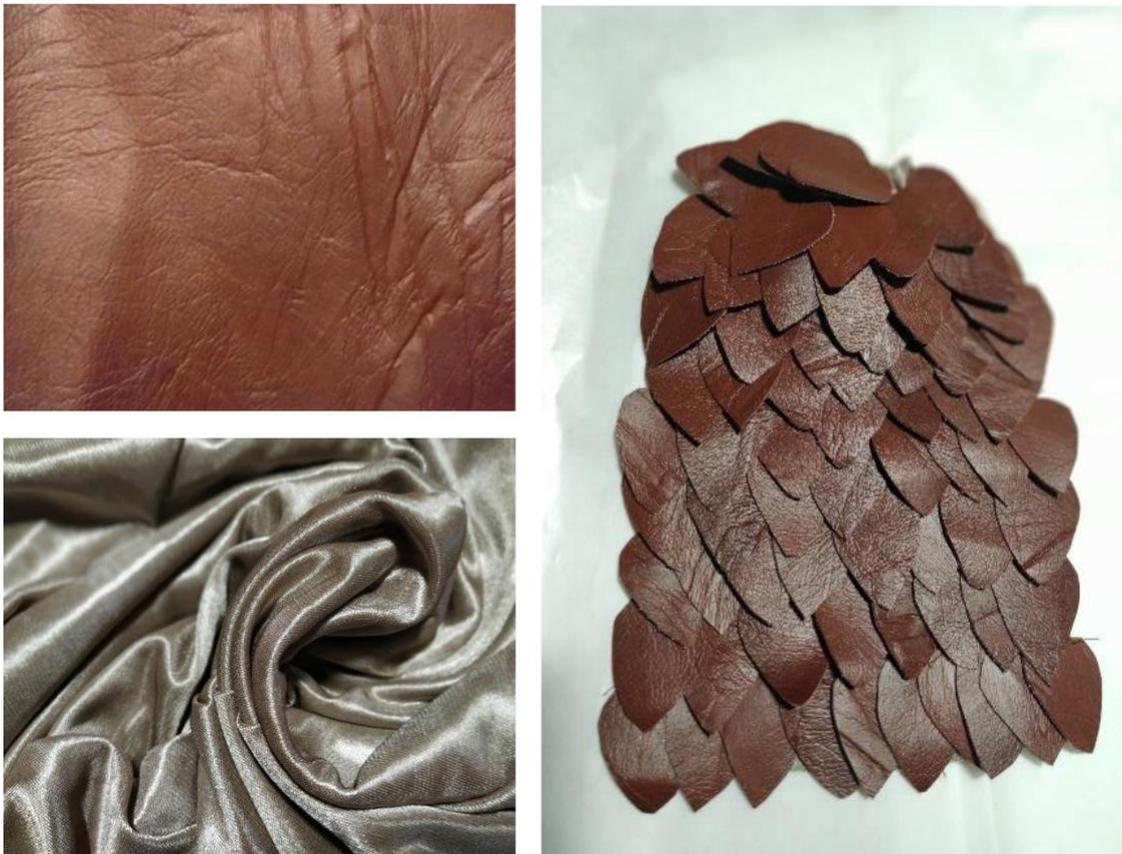
<sup>29</sup>Fonte: <https://olharvianadocastelo.blogspot.com/2018/02/viana-primavera-em-fevereiro.html> acedido em 14/02/2019

<sup>30</sup>Fonte: <http://www.mun-celoricodebasto.pt/pt/notici/geral/celorico-de-basto-e-oficialmente-capital-das-camalias> acedido em 14/02/2019

estágio experimentaram-se materiais de várias texturas e de flexibilidades diferentes.

### 1.1 Experiência 1

Numa fase inicial experimentou-se o couro, formando várias pétalas e sobrepondo-as umas as outras para dar um aspeto de escamado de folhas, simulando a textura do tronco do Pinheiro Bravo. Após o corte de cada pétala, cose-se uma a uma ao forro, concluindo-se que cria um aspeto muito trabalhado e que daria resultado apenas como acessório ou como um pormenor da saia.



**Figura 9** – De cima para baixo e da esquerda para a direita: Couro utilizado na primeira experiência. Tecido de forro utilizado como base na primeira experiência. Modelo de estudo da Experiência 1. Fonte: Ana Filipa AMORIM

## 1.2 Experiência 2

Na experiência 2 aspirava-se testar a flor silvestre, como alusão às flores do campo que caracterizam a paisagem.

Nesta experiência 2 optámos por testar um tecido mais delicado para verificar como resultava o bordado. Assim testámos o tule, uma malha de tule e por fim uma organza, com estes tecidos pretendíamos obter um bordado em transparência, representando a harmonia que nos oferece o lugar de Mondim de Basto com as suas paisagens avassaladoras.



**Figura 10** – De cima para baixo e da esquerda para a direita: Tule. Malha de tule. Tecido de organza. Bordado da Flor Silvestre no tecido de organza. Fonte: Ana Filipa AMORIM

Após a tentativa de desenho no tule conclui-se que é um material que tem uma malha aberta de mais onde não é possível bordar. Na malha de tule conclui-se que é um tecido demasiado leve que não aguenta com um bordado. Por fim com a organza consegue-se obter um bordado tanto com o ponto fechado como aberto, mas torna o material muito delicado.

### **1.3. Experiência 3**

Na experiência 3 pretendia-se testar a flor da Camélia, como alusão à Festa das Camélias que caracteriza o Município de Celorico de Basto<sup>31</sup>, conselho da região do Minho vizinho com o Município de Mondim de Basto. A camélia é uma flor que, no traje de Viana se designa de japoneira.

Em termos práticos, a flor da Camélia seria utilizada para fazer de alfinete na saia. Para isso cortou-se o tecido com o formato de várias pétalas, tendo sido necessário reunir 12 pétalas, numa alusão aos 12 meses do ano. De seguida, o perímetro de cada pétala foi queimado com um isqueiro para que elas não se desfiassem.

Posteriormente, este processo as pétalas foram cosidas umas às outras. Por fim passa-se laca pelo modelo completo para o tecido enrijecer e manter a forma de uma flor (ver figura 11).

---

<sup>31</sup>Disponível em [http://www.anossaterra.pt/?co=1091&tp=15&ct=0&cop=8&LG=0&mop=1183&it=pagina\\_e](http://www.anossaterra.pt/?co=1091&tp=15&ct=0&cop=8&LG=0&mop=1183&it=pagina_e) acedido em 14/02/2019



**Figura 11** - Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Queima do perímetro de uma pétala;  
Fase de união de pétalas; Fase de união de pétalas da parte de trás; Modelo de experiência 3  
Fonte: Ana Filipa AMORIM

#### 1.4. Experiência 4

Na experiência 4 a flor da camélia teve uma variante, tendo sido testada com enchimento. Para isto foram necessárias 24 pétalas que foram costuradas umas às outras e depois levaram um enchimento com esponja. Por fim, as pétalas foram unidas para obter o modelo de estudo.



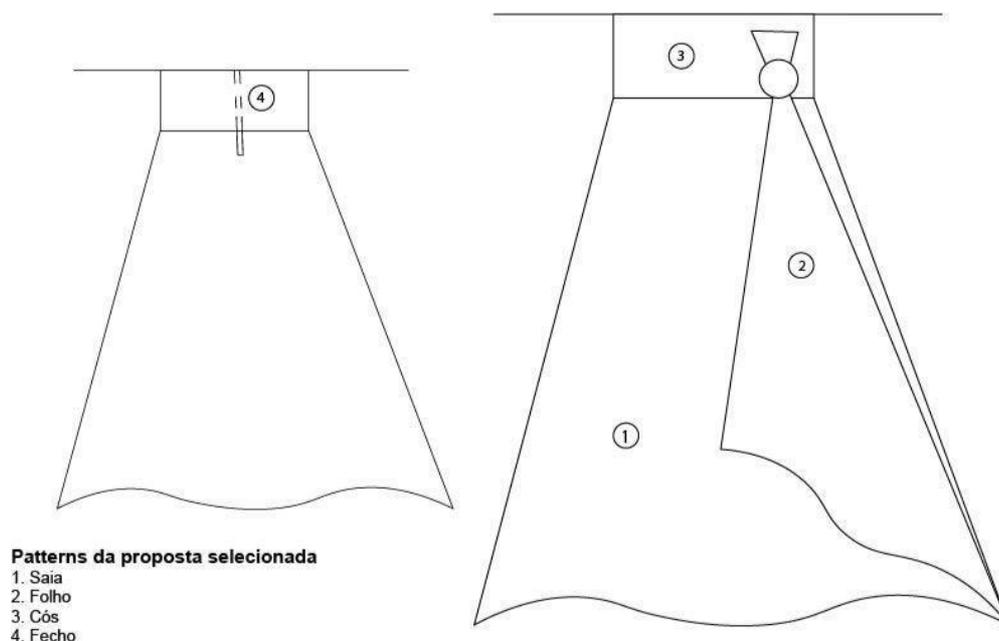
**Figura 12** - Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Fase de costura das pétalas. Fase de enchimento das pétalas. Modelo de estudo de experiencia 4. Fonte: Ana Filipa AMORIM

# QUARTA FASE

## 1. Proposta de projeto

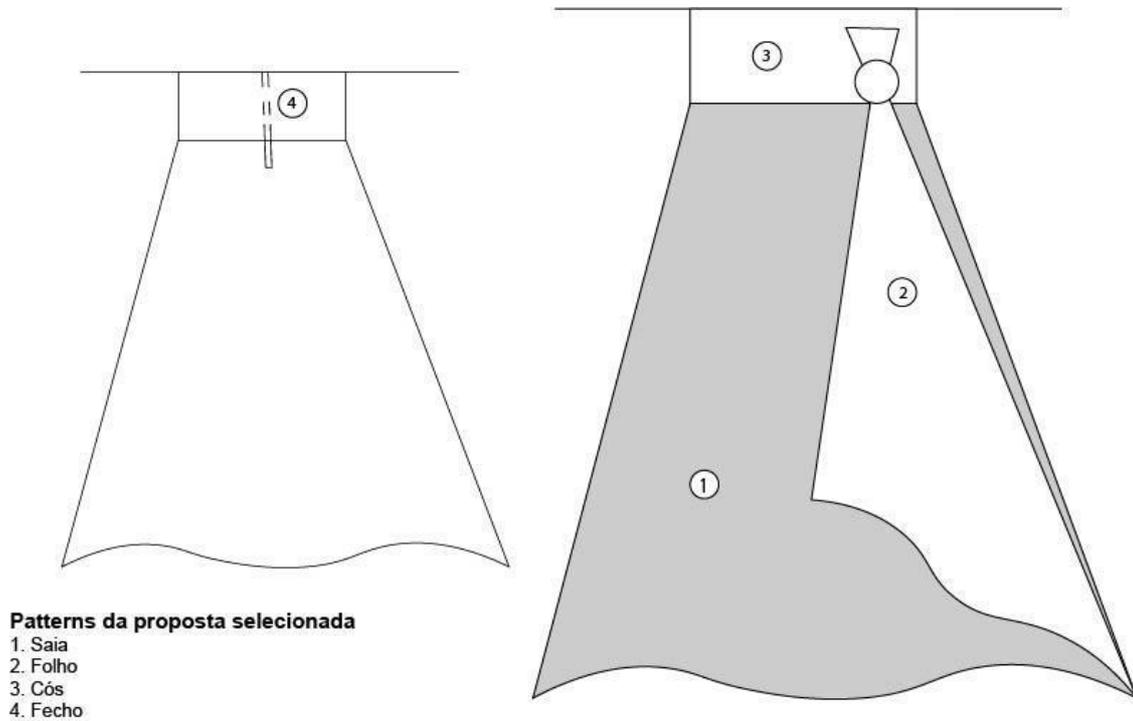
A proposta selecionada com os orientadores reside numa saia constituída por 4 (quatro) partes, recorrendo a restos de tecidos como uma alusão à referência da cultura do lugar. Ou seja, sabendo que, por razões de sobrevivência, nesta festa do concelho de Mondim de Basto, a mulher socorria-se do que tinha para construir algo de novo, evitando comprar tecidos novos, neste projeto optou-se por seguir este princípio. Assim, os tecidos usados na proposta são retalhos de sarja e fazenda xadrez. A escolha da cor é uma alusão ao calor e à iluminação.

Considerando conceito de pattern-language (Alexander, 1977) já apresentado nesta investigação, parece oportuno recorrer a esta proposta metodológica para explicar este projeto de redesign de saia. Neste sentido, construiu-se um esquema com a identificação e a quantidade de patterns que definem o todo que é a saia. A identificação das peças baseia-se, igualmente, no desenvolvimento do processo de elaboração das partes.



**Figura 13** - Esquema numerado das Patterns da proposta selecionada. Fonte: Ana Filipa AMORIM 70

## 1.1. Parte 1: a Saia



**Figura 14** - Esquema numerado que destaca a pattern 1, saia. Fonte: Ana Filipa AMORIM

A fase de construção inicia-se com o desenho do molde em papel vegetal, desenhando um raio superior de 115 mm para a medida da cintura e um raio de 630 mm a altura e a roda da saia. Após a realização do desenho, passa-se para a fase de dobra do tecido de sarja ao meio e, finalmente, para o corte da sarja. Para toda a saia foram necessárias duas partes iguais de tecido.



**Figura 15-** Corte do molde Fonte- Ana Filipa AMORIM

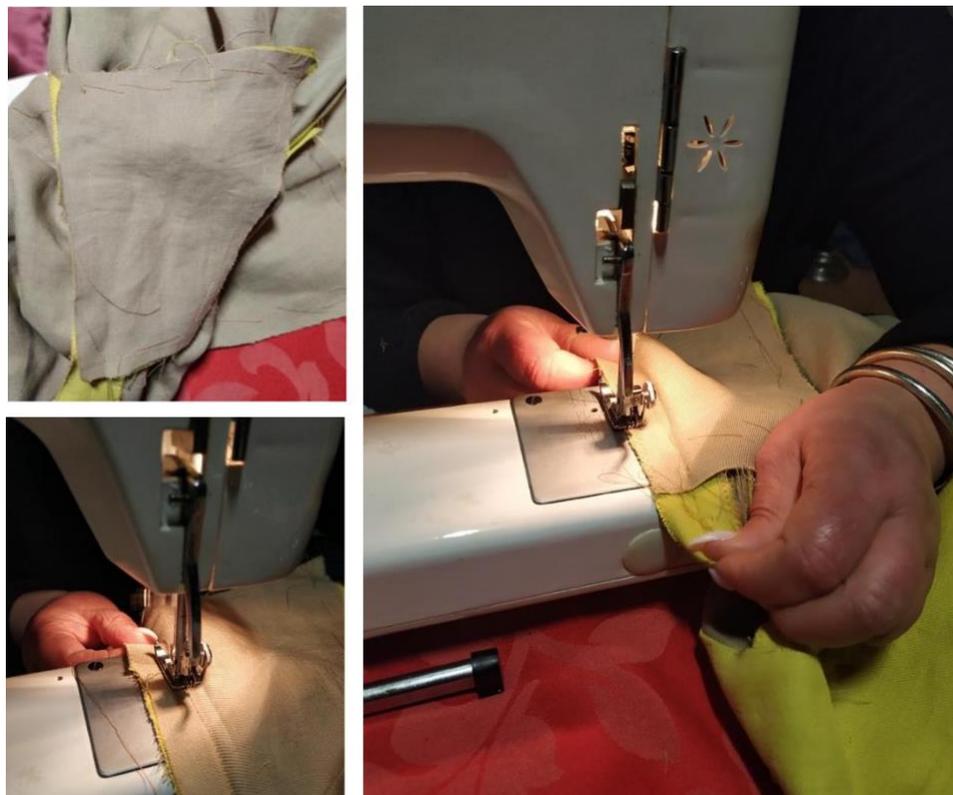
Depois da peça estar cortada, é feito um alinhavo para unir as duas partes. De seguida chuleia-se o tecido para este não desfiar. Na parte traseira da saia é efetuado um corte no centro da mesma, onde será aplicado um fecho.



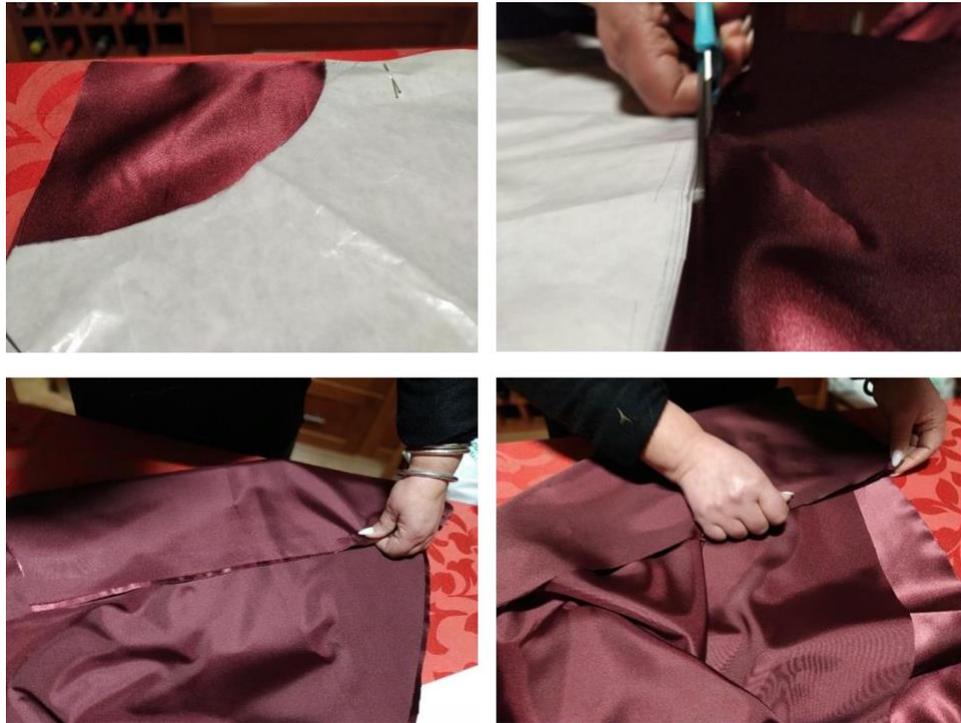
**Figura 16 -** Da esquerda para a direita: Chulear do tecido; União do molde  
Fonte: Ana Filipa AMORIM

De seguida passamos para o corte do bolso onde são necessárias quatro partes iguais para, posteriormente, serem alinhavados, chuleados e costurados diretamente na parte interna da saia, cada bolso situa-se a baixo do cós um do lado direito e outro do lado esquerda, propondo mais funcionalidade ao produto final (ver sequência de imagens na figura 18).

Posteriormente faz-se o corte do forro utilizando o mesmo molde construído para a saia, este será inserido na pattern 1 da parte interior. O tecido utilizado para o processamento desta peça é o cetim, após ser cortado é alinhavado e por fim feita a bainha a mão.

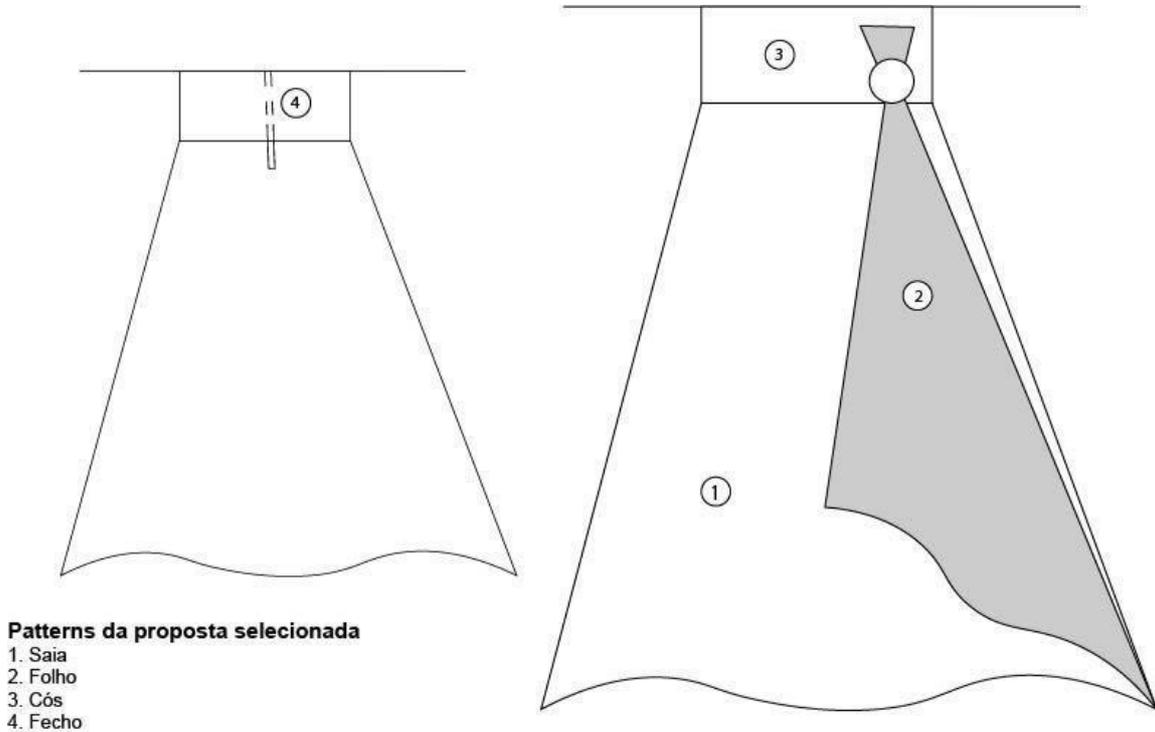


**Figura 17** - Da esquerda para a direita: Alinhavo do bolso; Chulear do bolso; União do bolso a saia; Fonte- Ana Filipa AMORIM



**Figura 18** - Da esquerda para a direita: Preparação para o corte do forro; Corte do forro; União de extremidades do forro; Alinhamento do forro Fonte- Ana Filipa AMORIM

## 1.2. Parte 2: o Folho



**Figura 19-** Esquema numerado que destaca a pattern 2, folho. Fonte: Ana Filipa AMORIM

Para a idealização da criação do folho partten 2 realizou-se o corte do tecido sobreposto à saia da partten 1, sendo que esta estava vestida na modelo para nos certificarmos que o folho cairia sobre a mesma de forma delicada e elegante. Perante a fazenda xadrez é realizado o corte em duas partes iguais, procedendo-se de seguida ao alinhavo dos machos perante o corte da saia e por fim a costura do folho.



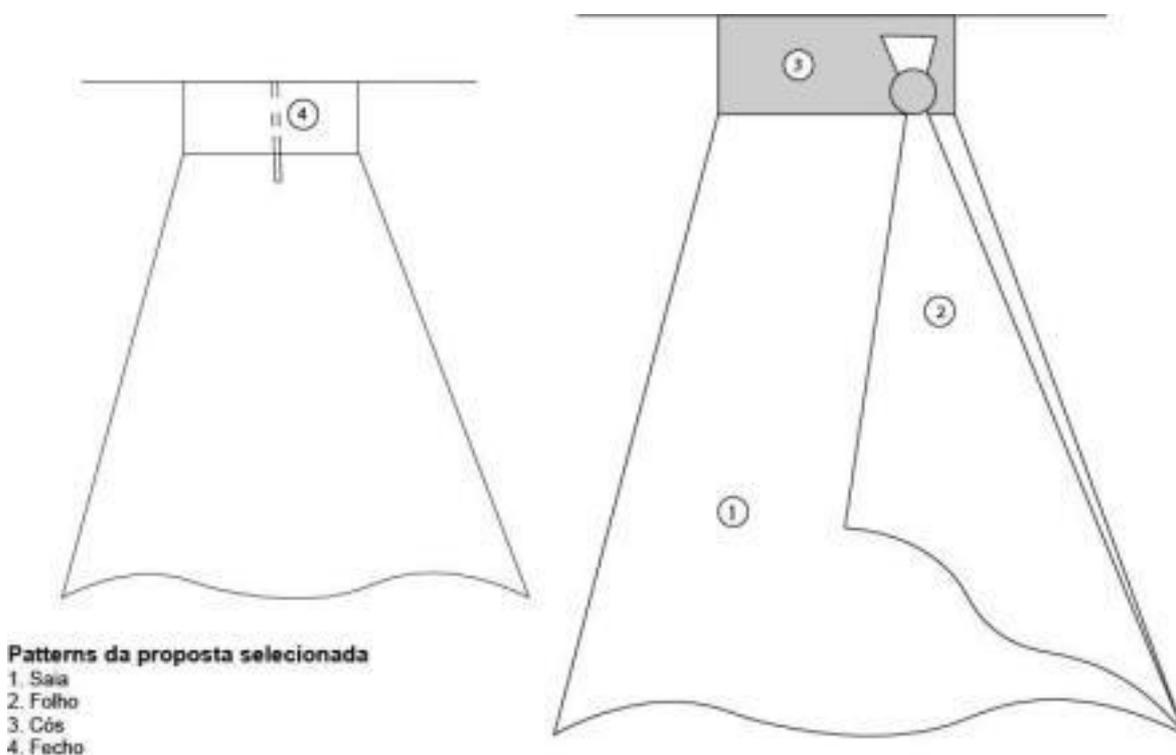
**Figura 20** - Corte do tecido para o folho; Peças do folho posteriores ao corte Fonte: Ana Filipa AMORIM

Posteriormente, realiza-se uma anilha para regularizar a abertura no folho que irá receber no interior uma casa com a abertura idealizado para o botão (este será apresentado e inserido na partten 3).



**Figura 21** - União de peças do folho; Corte para anilha Fonte: Ana Filipa AMORIM

### 1.3. Parte 3: o Cós



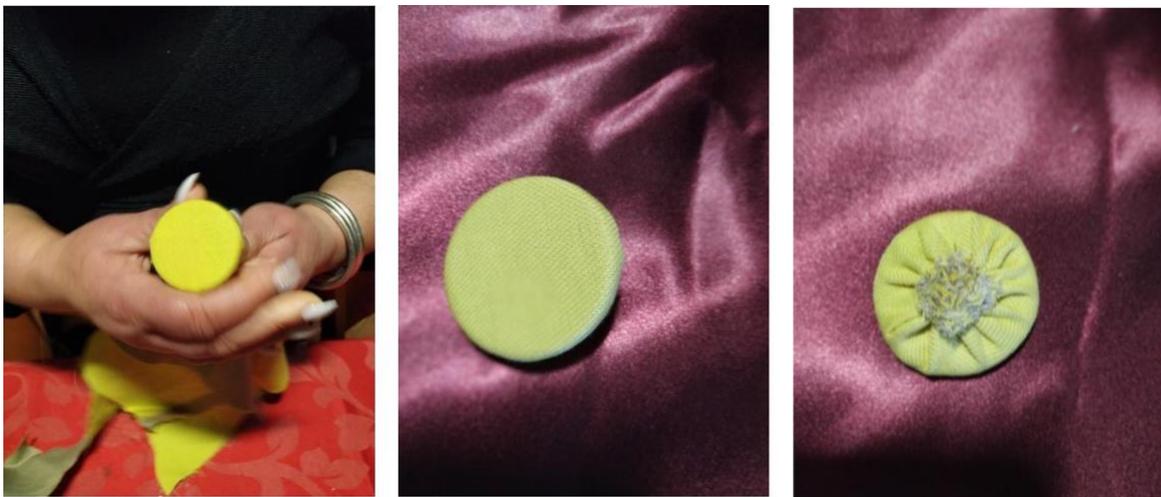
**Figura 22** - Esquema numerado que destaca a pattern 3, cós Fonte: Ana Filipa AMORIM

Na respetiva peça, designada pelo nome 'cós', realizou-se o corte com base no molde desenhado, anteriormente, para a partten 1. Depois da sarja ser dobrada ao meio, procedeu-se ao corte da entretela. Com os tecidos de entretela e de sarja cortados, passa-se para a fase de fixação dos mesmos, para de seguida efetuar a união da partten 3 com a partten 1.



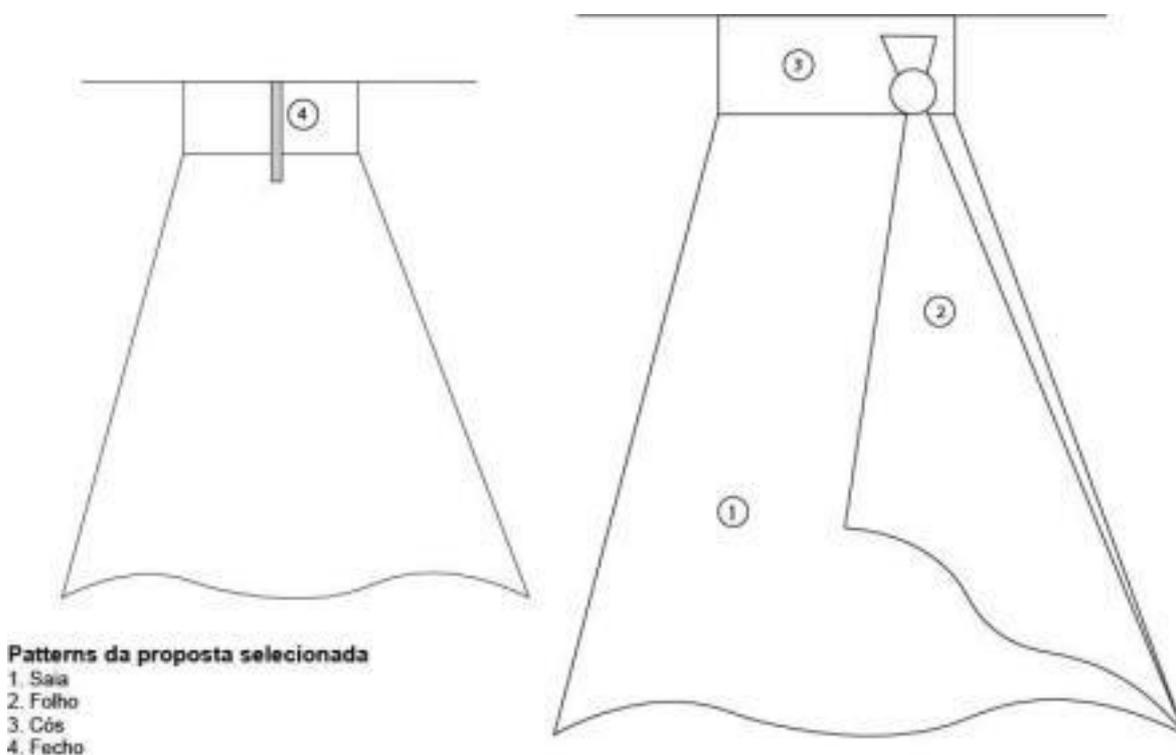
**Figura 23** - Alinhamento do cós; Alinhavo de união de patterns Fonte: Ana Filipa AMORIM

Após a união das partens reveste-se o botão com a sarja, para posteriormente ser aplicado no cós do lado esquerdo da saia



**Figura 24** - Alinhamento do tecido; Frente do botão; Averso do botão Fonte: Ana Filipa AMORIM

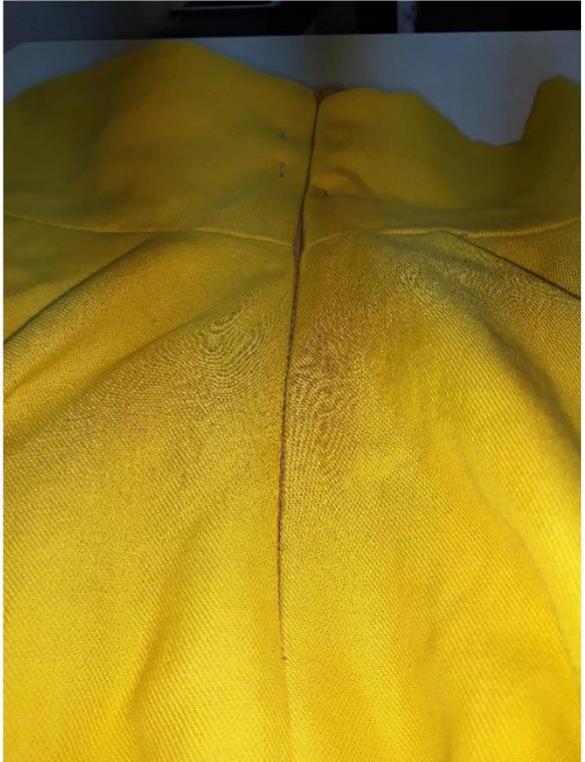
## 1.4. Parte 4: o Fecho



**Figura 25** - Esquema numerado que destaca a pattern 4, fecho Fonte: Ana Filipa AMORIM

Para uma utilização prática e simples da saia é colocado um fecho invisível com 300mm, este é inserido no centro da parte de trás da saia, alcançando assim a partten 1 e a pattern 3.

A cor amarela torrada é com o intuito de este não se destacar.



**Figura 26** - Alinhamento do fecho; União do fecho; Abertura do fecho já colocado; Finalização do fecho Fonte: Ana Filipa AMORIM

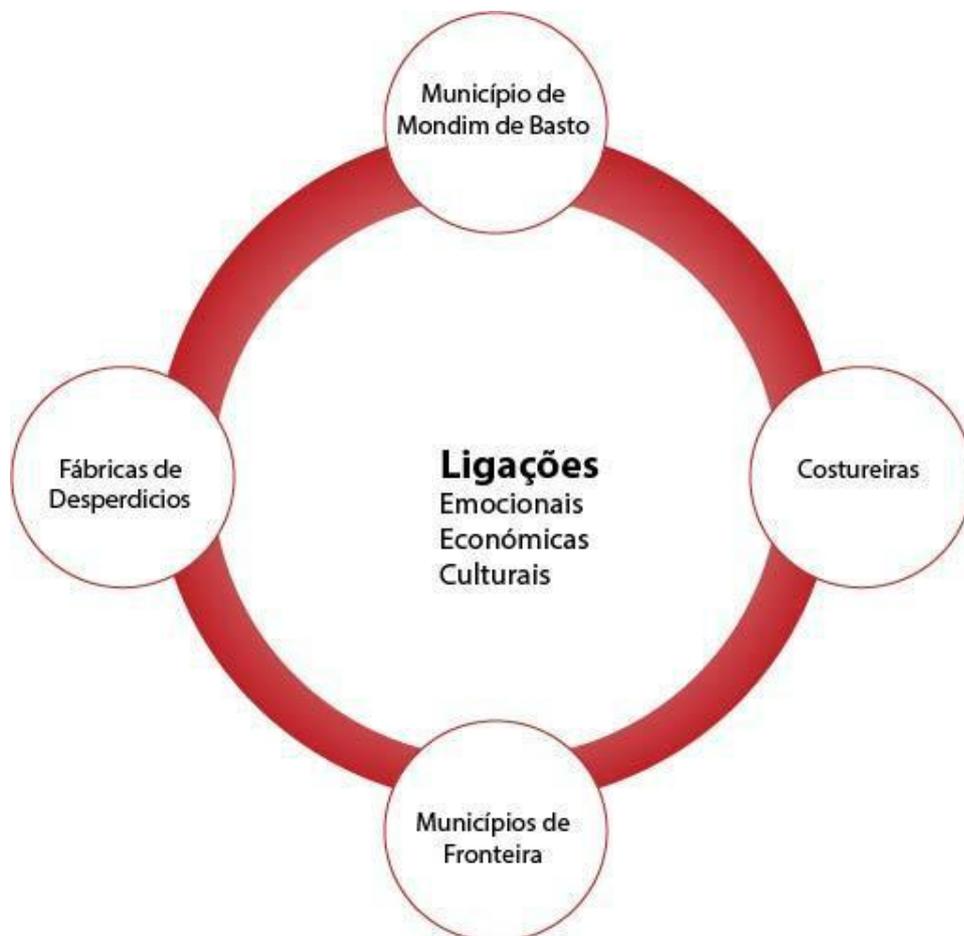
## 2. O protótipo final



Figura 27- Saia Finalizada Fonte: Ana Filipa AMORIM

### 3. Premissas de Projeto

- A saia pode ser produzida com cores diferentes e também padrões dependendo do gosto de cada um.
- O folho é usado como lenço provando ser um adereço funcional
- A reutilização de retalhos poderá fomentar a sustentabilidade.
- A ligação entre entidades distintas – vendedores de tecidos, costureira, Município- poderá contribuir para a dinamização do Município e fomentar ligações emocionais fortes
- Criação de um desfile



## CONCLUSÕES

Nesta investigação pretendia-se demonstrar que o re-design de um traje popular pode ser uma oportunidade para promover a sustentabilidade do sector têxtil, e conseqüentemente, uma região, qualificando o artesanato com uma identidade renovada no âmbito do vestuário. Este estudo pretendia resgatar histórias e tradições de Mondim de Basto, reunindo a vertente estética, técnicas, tecnologias e processos ao trabalho artesanal típico do lugar.

A sociedade atual é caracterizada pelo excesso de informação e pelo acesso fácil e instantâneo alterando os comportamentos das pessoas. Parece pertinente pensar na transformação e na criação de novos produtos, beneficiando de todas as características do lugar. Neste sentido, surge a ambição de dignificar e valorizar signos antigos de um lugar como Mondim de Basto e mais concretamente, na Noite dos Romeiros nas festas do concelho de Mondim de Basto que se celebram, todos os anos, em Julho, apelando à reinterpretação e à reinvenção.

Com esta investigação ambicionava-se dar maior visibilidade ao Município de Mondim de Basto, recuperando um dos mais emblemáticos artefactos desta região: o traje Romeiro, mais precisamente, a saia. Para isso, utilizou-se uma metodologia mista que cruza a revisão bibliográfica com o trabalho de campo, a experimentação e a prototipagem do projeto escolhido.

Deste modo, numa primeira etapa foi importante destacar a análise e o conhecimento de conteúdos teóricos mostrando-se assim útil para esta investigação. Como tal, ao longo do desenvolvimento foram realizadas diversas alterações projetuais respeitando o processo metodológico aberto.

Numa segunda etapa realizaram-se inquéritos e entrevistas, uma fase que se revelou um estágio indispensável deste estudo, no sentido que, foi possível interpretar as pessoas da terra, as suas histórias e os seus costumes, permitindo assim perceber as modificações e a evolução do espírito de lugar. Remetendo-nos ao passado e às tradições do Município, este processo permitiu averiguar a

importância da noite dos Romeiros para os conterrâneos e visitantes. Uma noite de devoção, alegria, festa e convivência com a pretensão de elevar e conceder o devido valor. A realização de entrevistas e inquéritos foi uma das fases mais importantes para este estudo, porque permitiu envolver os indivíduos no estudo, as pessoas que vivem, verdadeiramente, as festas do Município. O design deve ser uma disciplina que coopera e não uma disciplina que impõe ideias, pelo que um processo que cruza o olhar de todos é, afinal, um processo integrador e portador de inclusão social.

Numa outra fase houve a necessidade de criar fichas técnicas de várias regiões vizinhas ou devotas a Nossa Sr. Da Graça e, posteriormente, um levantamento do arquétipo saia. Em suma, esta fase, permitiu construir um diagnóstico das diversas regiões, possibilitando assim seguir os caminhos mais adequados, provocando a criatividade e a inovação.

Durante o desenvolvimento da dissertação foi possível alcançar um projeto de investigação aplicada na sustentabilidade e criatividade. A criação de novos produtos com os excedentes das empresas têxteis existentes na região proporciona a todos os intervenientes a possibilidade e oportunidade de uma criação modernizada, procriando assim novos sectores distintos e validando o design como uma disciplina mediadora, de criatividade e sustentabilidade.

Os vínculos criados, permitem uma nova perspectiva no desenvolvimento da saia utilizada na típica festividade de Nossa Sr. Da Graça exercida em Mondim de Bastos. Uma abordagem que se refere à utilização de retalhos de empresas têxteis locais com a criação e a inovação da saia. Deste modo, a proposta de projeto foi desenvolvida considerando a tradição e a cultura do lugar. A combinação das técnicas e dos desenhos deu origem a um produto inovador, um sistema de produto potenciador de uma vasta gama de produtos a serem utilizados na atualidade.

O trabalho analisado e indicado em Mondim de Basto permitiu perceber as realidades distintas das diversas regiões e da utilização da mesma. Esta visualização de diversas saias torna-se essencial, partindo do princípio que se

pretende desenvolver uma investigação que como objetivo de transmissão de cultura local.

O papel do desenho foi importante para o projeto porque partia-se da idealização de uma saia e a escolha dos possíveis materiais a se agregarem a mesma.

Numa terceira fase procedemos para a experimentação de hipóteses de projeto, sendo um ponto bastante importante, porque permite verificar se o produto atinge o objetivo pretendido e, principalmente, a confirmação da produção do produto, experimentando técnicas de costura, matérias de texturas variadas pretendendo a confirmação da funcionalidade do produto. No protótipo final, utilizou-se a forma (corte) de antigamente, comprovando assim a importância das técnicas ancestrais. Esta fase de desenvolvimento foi elaborada pelos registos e pelos conhecimentos pessoais adquiridos anteriormente. Com os resultados obtidos é possível afirmar que surge uma saia versátil, funcional e caracterizante de um lugar, propondo ao utilizador uma linha requintada e de qualidade com dupla ação.

A saia consegue incluir-se, facilmente, num cenário formal tanto quanto casual, devido à sua capacidade de polivalência, revelando-se um atributo que consegue valorizar os materiais de baixo custo, nela utilizados para a sua confeção.

Em suma, a investigação aproxima-se na idealização de desenvolvimento projectual, que originou uma conclusão de uma investigação de valores culturais de Mondim de Basto.

Em termos metodológicos, esta investigação prima pela validação com casos de estudo da coleção “Sizzling Carretto Siciliano” DolceGabbana e de Storytailors na coleção “UNBREAKABLE”, reconhecendo a amplitude da disciplina do design e a sua capacidade de desenvolver produtos de vestuário com a produção artesanal que se encontra em vias de extinção. Por outro lado, o design aliado ao mundo do vestuário pode ajudar a recuperar técnicas e matérias primas que fazem parte da tradição, aliando-as a percursos produtivos da atualidade.

Esta investigação destina-se a estudantes da área de design do produto, design de vestuário e no design de moda, considerando que atua de forma individual dependendo do contexto em que é inserido.

A investigação é importante para o desenvolvimento do design. Como referido anteriormente vivemos numa sociedade instantânea onde tudo é adquirido de forma fácil e rápida, somente o que propuser autenticidade e singularidade pode ser desejável e considerado como algo próprio do lugar, impossível de ser copiado e replicado. Por este motivo, a saia encaixa positivamente na disseminação do Município de Mondim de Basto, propondo sustento ao espírito de lugar. Do mesmo modo, este projeto pode revelar-se um produto vantajoso para o sector têxtil das proximidades. Para os criadores da arte revela-se vantajoso e interessante uma vez que eleva o seu processo e técnicas de trabalho, proporcionando-lhes uma maior visibilidade e sustento.

Por fim, este projeto tornou possível a evolução pessoal da autora que adquiriu conhecimentos profundos relacionados ao âmbito do vestuário, mais precisamente, da modelagem de saias, integrando estas experiências no seu percurso. De salientar ainda é a ambição de apresentar aos Mondinenses em desfile, uma linha redesenhada do Traje do Romeiro proporcionando a abertura do desenvolvimento de um negócio empreendedor nesta área.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**AA.VV.** “FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE, 5, Lisboa, 1991 - Como trajava o povo português : (exposição integrada no Festinatel/91- 5º Festival Internacional de Folclore). Lisboa : INATEL, 1991. XV, 141 p.

**ALEXANDER C.** et. al (2013) “Uma Linguagem de Padrões. A Pattern Language”. Porto Alegre: Bookman. (1ª edição 1977).

**APARO,** Ermanno (2010) “A Cultura Cerâmica no Design da Joalheria Portuguesa”. Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte. URL: <http://hdl.handle.net/10773/3688>

**APARO,** Ermanno; **SOARES,** Liliana (2012) Seiprogetti in cercad'autore. Firenze: AlineaEditrice.

**BAUMAN, Zygmunt (2006)** Amor Líquido – Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Lisboa: Relógio D'Água. (1ª edição 2003).

**BAUMAN, Zygmunt (2001)** Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. (1ª edição 2000).

**BRANCO,** João (2005). “Artesanato e Design: parcerias com futuro?” in Mãos – revista trimestral n.º27/28, Ed. CRAT; Porto, Portugal, pp. 8-13.

**CROSS,** Nigel (2006). Designerly ways of knowing. London: Springer-Verlag AG.

**DORFLES,** Gillo (1984) A ModadaModa. Lisboa, Edições 70 **ECO,** Umberto (2004) O Signo. Lisboa: Editorial Presença.

**JONES,** John Christopher (1992). “Design Methods: seeds of human futures.” New York and Chichester: John Wiley & Sons.

**LATOUR,** Bruno (2008) “Um Prometeu Cauteloso? Alguns passos rumo a uma filosofia do design” Palestra para o encontro Networks of Design.

**MUNARI,** Bruno. Das coisas nascem coisas. Lisboa: Edições 70, 1981. **PEREIRA,** Benjamim Enes, 1928- “Bibliografia analítica de Etnografia portuguesa / Benjamim Enes Pereira”; coord. Paulo Ferreira da Costa ; pref. João Leal. - [edição em formato electrónico]. - Lisboa : Instituto dos Museus e da Conservação, 2009 .

— 696 p. [8+XVI+672] - ISBN 978-972-776-401-3 - Disponível em: <http://www.imc-ip.phttp://www.imc-ip.p/> (acedido a 08/07/2018)

**SOARES**, Liliana, **POMBO**, Fátima, **APARO**, Ermanno, **DONEGANI**, Dante. (2012)  
“Friedrich Nietzsche’s Thought and the Twentieth-century Buildings Design.” in  
Jamie Brassett, Paul Hekkert, Geke Ludden, Matt Malpass, Janet McDonnell  
(Editors), Proceedings of the 8th Intenational Conference on Design and Emotion.  
“Out of Control Book of Abstracts”; London: Ed. Central Saint Martins College of  
the Arts with Design and Emotion: London. Pp. 70 ISBN 978-0-9570719-2-6

## **APENDICES**

### **1. Entrevistas**

#### **1.1 Entrevista com Luísa Lemos e Luís oliveira**

As entrevistas são fontes orais que servem de instrumento para a aquisição de testemunhos especializados que possam validar o que se pretende demonstrar com este estudo.

Basearam-se num questionário que permitisse analisar o conhecimento sobre o tema a investigar.

A seleção dos entrevistados assentou no conhecimento etnográfico, na ligação individuo vs território, e nas experiências vividas de casa um. Apêndice 1.1 – Entrevista com Luísa Lemos e Luís Oliveira

28-05-2018 - Entrevista realizada no dia 28 de maio de 2018, na Loja Interativa de Turismo de Mondim de Basto

#### **Dados de identificação**

Nome: Luísa Lemos

Idade: 62 anos

Formação Académica: Curso Liceal

Formação Profissional: Técnica do Turismo

Nome: Luís Oliveira

Idade: 67 anos

Formação Académica: Curso Liceal

Formação Profissional: Aposentado da Autarquia

## **Roteiro da Entrevista**

### **1- Quando começou o seu interesse pelo Traje Romeiro?**

Luís- “Tínhamos um interesse muito grande porque foi uma coisa que nos marcou muito desde a infância, foi ver passar os romeiros, era uma noite muito especial para Mondim.”

Luísa- “A nos sempre nos interessou, agora á comunidade mais jovem se calhar começou a partir dai. Nos primeiros anos que se implementou a noite romeira os jovens não aderiram logo e agora a noite é deles.”

### **2- O que é para si o traje?**

Luísa - “O traje no fundo é a marca da nossa identidade, e é bom que se perceba já desde o principio que nos não somos os romeiros, nos só fomos o recetor, eramos o local recetor de passagem e que herdamos a festa e ficamos marcados por isso, mas não fazíamos festa quem fazia eram eles, eles é que vinham. Deve imaginar numa terra tao pequenina que aquilo para nos era uma festa, vê-los a chegar tantos, tantos, tantos e depois dançavam toda a noite, cantavam.”

### **3- Como nasceu o traje Romeiro? Qual a sua influência?**

Luís- “É sobretudo um traje rural do sec. 19, o que as pessoas vestiam normalmente, natural, com alguns pormenores para aquele dia de festa, estes pormenores também são importantes porque distinguem.”

Luísa- “É também importante referir que o traje não é só um, nem hoje é, nem nunca vai ser. É um apanhado de toda a região, e não só, tinha também muito a ver com a faixa etária, com as possibilidades financeiras classe social, se formos falar de uns caseiros que tivessem alguns bens, algumas possibilidades, já guardavam uma roupa domingueira, já vinham muito com o preto e com um branco, eles de fatinho, sapatinho, chapeuzinho, por ai nos víamos que eram pessoas com mais possibilidades. Não vinham para dançar vinham para estar a ver as raparigas a

dançar, não transpiravam, usavam um xaile no braço. Tinham um traje mais fino mais requintado, era muito bonito ver tanto ele como ela a chegar de preto.” Luís- “Muitos também traziam as cestas, as mantas, as cabaças e os cajados. Na descida do monte de nossa sr.<sup>a</sup>, estavam todos ornamentados com o medronheiro, na mão ou no casaco, era a “marca” dos romeiros.” Luísa- “O medronheiro era realmente uma simbologia.”

Luís- “Os homens nos casacos tinham uma coisa muito engraçada, usavam um lenço aberto, um lenço branco e para o prender usavam as tampas das canetas, muitas vezes eram só as tampas, não eram canetas, para parecer que tinham muitas.

Luísa- “Muitos usavam os relógios, os coletes com cordoes de ouro e medalhas. As raparigas também usavam lenço, hoje em dia vê se muito os frangueiros, na altura não se usavam. Os lenços de rapariga de melhores posses eram sempre mais claros “branquinhos” ou as vezes castanhos, mas sempre trabalhados, não com bordados, mas sim com estampados, acetinados.”

Luís – “É que é muito engraçado esta romaria, a romaria dos mortos vivos, era uma coisa extraordinária, nunca vi disto em lado nenhum. Faziam promessas e subiam lá cima. Quem tivesse uma doença muito grave, que estivesse as portas da morte prometia a sr.<sup>o</sup> “eu, se me salvar vou pagar a promessa la cima” iam com caixões ao monte de nossa senhora da graça e lá a família transportava-os e davam umas quantas voltas, iam com uma banda a tocar e havia a figura, esta que me estava a referir, dos amortalhados, quem tivesse essa promessa, passava aqui vestido normalmente e por cima uma mortalha branca, que se levava no funeral. Os amortalhados vinham de cirio na mão e com uma mortalha.”

Luísa- “Os cirios geralmente eram grandes, de promessas, então vinham cravados num pau. Muitos traziam também as crianças amortalhadas, era muito bonito, genuíno. Temos um grupo aqui da freguesia de Ermelo que trazem sempre os amortalhados e a maioria das pessoas não reconhece as suas vestimentas”

**4- Para o desenvolvimento do traje que formação se deve ter? Especifique os conhecimentos essenciais para se poder exercer esta profissão?**

Luís- “A maior parte das mulheres costurava, sabiam fazê-lo em casa.” Luísa- “Mesmo os bordados eram elas que faziam, acredito que havia sempre uma ou outra mais profissional, mais habilidosa, mas de uma forma geral cada uma fazia o seu. Tenho pena que não haja uma loja, alguém que agarre nesta ideia e a leve para a frente. Não existe rigor atualmente sobre as vestimentas, agora fazem combinações, era uma coisa que não existia antigamente, usavam o que havia, o melhor que tinham, a roupa de ir à missa.”

**5- Considera importante manter vivas as tradições e culturas portuguesas? E na criação de um traje, é importante ter em conta as características do lugar?**

Luísa- “Para nos é muito importante ainda por cima temos esta romaria.” Luís- “Existe grande influência, principalmente vinda do alto Minho. Reuniam-se todos aqui na festa, vinham de vários locais do Minho. “

**6- Porque é importante clarificar a identidade do traje Romeiro?**

Luísa- “Tu tens uma história muito importante aqui da vila para contar, o traje é uma das provas disso, se o vamos adulterar, fica a história adulterada, é uma perda de identidade. Nos como te disse, não somos os romeiros, mas vivemos e conseguimos ver alguma coisa disso, era o retrato mais fidedigno que podia haver.”

## **1.2 Entrevista com Manuel Sousa**

As entrevistas são fontes orais que servem de instrumento para a aquisição de testemunhos especializados que possam validar o que se pretende demonstrar com este estudo.

Basearam-se num questionário que permitisse analisar o conhecimento sobre o tema a investigar.

A seleção dos entrevistados assentou no conhecimento etnográfico, na ligação indivíduo vs território, e nas experiências vividas de casa em casa.

Apêndice 1.2 – Entrevista com Manuel Sousa 25-09-2018 - Entrevista realizada no dia 25 de setembro de 2018, na Escola Superior de Tecnologia e Gestão

### **Dados de identificação**

Nome: Manuel Sousa

Idade: 53

Formação Académica: Licenciado em Arquitetura Paisagista, Mestre em Património e Turismo

Formação Profissional: Arquiteto Paisagista

### **Roteiro da Entrevista**

#### **1- Quando começou o seu interesse pela tradição e pela cultura de Mondim de Basto?**

“Eu era Secretario Executivo da Comunidade Intermunicipal do Ave e trabalhava com todos os municípios inclusive com o município de Mondim de Basto. Depois de ter terminado a minha função continuei a trabalhar com o município de Mondim de Basto, agora numa ótica profissional onde na altura fiz o planeamento do Turismo de Natureza e de Aventura de Mondim de Basto. Nesse âmbito estas

questões da animação turística entraram obviamente neste processo e a questão das festas e dos eventos são naturalmente marcas relevantes no conselho.”

## **2- Qual a importância das políticas de cultura de Mondim de Basto?**

“Mondim de Basto tem feito um trabalho consistente de afirmação do ponto de vista cultural. Este Presidente da Câmara Municipal esta no seu terceiro mandato e depois de uma fase inicial de consolidação das contas da Câmara Municipal passou agora para uma fase de maior preocupação quanto a atividade cultural do concelho em relação aos visitantes. Por isso, passou a valorizar mais alguns dos eventos de âmbito cultural e desportivo, nomeadamente algumas eram marcas já fortes, como a Volta a Portugal em Bicicleta, onde Mondim de Basto tem já uma longa historia no icónico Monte da Senhora da Graça. A Câmara Municipal tem se empenhado agora mais no apoio a atividades desportivas e a valorizar os eventos de caracter religioso. Exemplo disso mesmo é o caso dos Romeiros, que é dos eventos populares aquele que tem mais originalidade, porque a maior parte dos outros são equivalentes ao que se passa noutros municípios, com os rituais religiosos como são exemplo as procissões. Este é um evento diferente com todas as historias e lendas que se desenvolveram a volta deste acontecimentos.”

## **3- Em que medida o traje Romeiro pode ser um veiculador cultural?**

“O traje do romeiro acabou por ser uma marca que foi surgindo sem nunca ter sido pensada como tal, porque as pessoas apenas se queriam continuar a vestir como era tradicional se vestirem quando iam para a romaria. Isso foi o que foram fazendo ao longo do tempo com as pessoas a preservarem uma adequada forma de vestir. Esta forma de vestir equivale à forma como em muitos sítios se vestem nos ranchos folclóricos com um traje mais ou menos adornados, outros ranchos de fora mais simples, mas são sempre o repescar de formas de vestir mais a moda antiga. Com este recriar, é criado um ambiente único com todos farnéis e tudo o que esta associado à romaria, os e o recriar de um determinado imaginário, de um recuar no

tempo. Nesse ponto de vista esta é uma marca muito interessante de Mondim de Basto, que vem sendo preservada e que é original.”

#### **4- O que é o Traje Romeiro de Mondim de Basto?**

“O traje é apenas a preservação de um modo de vestir que hoje pode ser explorado noutras vertentes, porque tem padrões de têxteis de desenho das roupas que hoje podem ser reinterpretadas e repescadas. O estilo do romeiro é apenas uma memória do passado.”

#### **5- Como nasceu o traje Romeiro? O que é para si o traje Romeiro?**

“O traje do romeiro não nasceu, o romeiro passou a ir a Nossa Senhora da Graça, ia vestido com as roupas que tinha na época em que se iniciou a romaria e se manteve no tempo. Isso foi uma forma de preservar desse modo de vestir que veio da peregrinação. O romeiro vestia para a peregrinação a sua roupa melhor, da mesma forma como tradicionalmente se vestia a melhor roupa para ir a missa ao domingo, um traje de domingo. É uma forma de respeito para com os santos e a religião, era como o caso do casamento e do batizado, em que até nesses eventos se vestia fato e gravata. Também é uma situação em que é uma afirmação pessoal, em que as pessoas querem ir bem e não querem ir a parecer mal. Este trajar é uma expressão muito comum das pessoas que andavam com roupa do campo, mas que iam com a roupa nova, embora com os tecidos que usavam para roupa normal. Geralmente o que acontecia a roupa nova com o cotio passava a roupa velha, passava a ser utilizada nos trabalhos do campo. A roupa nova era para o domingo e assim se ia rodando muitas vezes.”

**6- Quantos elementos tem o traje Romeiro? Quais as principais características do mesmo?**

“Eu não sei quantos elementos tem o traje do romeiro porque nunca olhei desse ponto de vista de o contar, embora saiba que é muito comum nos homens o colete e a boina, que são elementos importantes e sabemos também que as mulheres o normal era a saia e o lenço, este que também cobria a cabeça muitas vezes, funcionava como um véu, era uma questão também de algum respeito. Enquanto os homens na igreja destapam a cabeça a mulher tapa a cabeça, havia aqui uma contradição entre sexos, mas a forma de respeito era diferente do homem para a mulher, a forma como se cobria.”

**7- Para o desenvolvimento do traje que formação se deve ter? Especifique os conhecimentos essenciais para se poder exercer esta profissão?**

“É importante as pessoas saberem a historia, e quando se sabe a historia, esta permite-nos projetar o futuro e projetar com conhecimento, porque se eu não tenho historia é como estar com Alzheimer, não se tem passado e estou a tratar de um assunto sem raízes, portanto é muito importante que eu projete o futuro olhando para o passado. Qualquer reinterpretação que possa ter de utilização futuro ela devera ser olhando para este passado, em termos da sua afirmação e da sua identidade. Aquilo que nos dá identidade é a nossa história, que é o que nos somos. Somos o passado, apenas estamos no presente e o futuro ainda não sabemos. Eu acho que qualquer pessoa faria as suas próprias roupas desde que elas saibam aquilo que são os elementos de base da sua identidade. Temos que perceber é que o principal é a pessoa estar com uma forte sensibilidade sobre qual é a sua identidade e os seus valores e o seu gosto. Em função disto projetar uma roupa porque se não temos esta ligação podemos no limite ir buscar roupas a países longínquos. Porque se não temos relação com o passado, nem relação com a terra nem a identidade, qualquer coisa serve para vestir e é apenas um modo de agasalho e o traje não é um agasalho. Não é apenas uma forma de vestir é uma

identidade, uma história, uma afirmação social e cultural de um território. As coisas que para a maior parte das pessoas se torna tão banais que não eram sequer escritas, porque eram questões do quotidiano.

#### **8- Que relação o artesão deve estabelecer com o designer de vestuário de moda?**

“O artesão deve ter uma relação intrínseca, isto é, deve se relacionar bem com o designer e o designer deve se dar bem com o artesão que produz a peça. O importante é perceberem a linguagem um do outro, nem sempre isso é fácil porque estamos a falar de pessoas com formações diferentes, experiências diferentes, uns tem a experiência de um mundo de trabalho ao longo da uma vida, os designers tem uma formação académica e nem sempre tem ainda a formação ao a experiência de trabalhar com esses materiais. Portanto a solução futura para o desenvolvimento de novas linhas de vestuário com inspiração no traje é dependermos uns dos outros, aprendemos com os materiais e as técnicas e os outros aprendem sobre o design e portanto toda a gente evolui desse ponto de vista. A relação tem que ser intrínseca e de respeito mútuo pelos conhecimentos de cada um.”

#### **9- Considera importante manter vivas as tradições e culturas portuguesas? E na criação de um traje, é importante ter em conta as características do lugar?**

“Eu acho que é muito importante, nos temos que pensar que se preservarmos um modo de vestir estamos a preservar a história. E uma das formas interessantes de preservar a historia não é num museu é preservar nas pessoas, em que as pessoas tem prazer em ter uma historia ao vivo e isso é uma historia viva, é como chamavam na ecomuseologia, em que do ponto de vista da equação humana eu não tenho um traje numa prateleira num museu ou num manequim, mas são pessoas que vivem essas roupas e essas roupas continuam a ser produzidas e continuam a ser gastas

e isso é uma forma muito interessante e que atrai em termos até de estratégia de animação turística, que atrai muitas mais pessoas do que ver elementos patrimoniais estáticos. Desse ponto de vista acho que é muito interessante para a criatividade do território de manter esse tipo de tradições. Para as pessoas isso dá-lhes identidade, dá-lhes ligação ao território, confere conhecimentos e confere gosto de pertença. Tudo isto associado aquilo que vai estimular o crescimento económico que este também é relevante para este território.”

#### **10- Porque é importante clarificar a identidade do traje Romeiro?**

“Eu acho que é melhor não clarificar porque se foi uma coisa que surgiu da forma espontânea e chegou onde esta hoje ela tem uma razão e é importante perceber essa razão, porque é que chegamos lá? Porque é que hoje estamos a estudar o traje do romeiro? Porque ele acabou por ser um traje que se afirmou num território e, portanto, se afirmou num território vamos também perceber porque é que ele se afirmou? Porque é que ele hoje tem relevância para ser estudado? E portanto a melhor solução é analisa-lo, ver de que é que ele é composto qual foi a sua coerência em termos do tempo sempre que a traje criam portanto vão mudando, ou aqui como era um sistema informal perceber se ele foi mudando ao longo dos tempos ou se se manteve de forma consistente a longo dos tempos.”

#### **11- Gostava que o traje fosse reavivado? Por exemplo, interpretado no âmbito da moda?**

“Eu acho que faz todo o sentido, criar uma imagem de modernidade, faz sentido é pegar na tradição e dar-lhe modernidade, no caso modernidade com base na tradição é distinta doutra modernidade, é uma modernidade com raízes, é uma modernidade que assenta no território, é uma modernidade que tem identidade, portanto desse ponto de vista faz todo o sentido que assim seja.”

## 2. Inquéritos

Inquérito aos residentes e aos turistas de Mondim de Basto na Noite de Romeiros de Santiago e nas Festas do Concelho, nos dias 24 e 25 de Julho de 2018, sobre o “Re-design de parte do traje de Romeiro de Mondim de Basto”

Este inquérito por questionário insere-se no âmbito do Projeto de Mestrado “O re-design de parte do traje de Romeiro de Mondim de Basto” que está a ser elaborado pela mestranda Ana Filipa Amorim no curso de Mestrado em Design Integrado do Instituto Politécnico e Viana do Castelo com o objetivo de dignificar o traje de Romeiro de Mondim de Basto, encontrando no âmbito do vestuário um cenário de rentabilização e de sustentabilidade de um património de conhecimentos existentes. Os inquéritos servem de instrumento para a aquisição de testemunhos especializados que possam validar o que se pretende demonstrar com este estudo e basearam-se num questionário que permitisse analisar o conhecimento sobre o tema a investigar. Informamos que os dados serão anonimizados e tratados de forma confidencial e que o preenchimento não demora mais do que cinco minutos.

Agradecemos desde já a sua colaboração.

### O re-design de parte do traje de Romeiro de Mondim de Basto

1 - Idade

2 - Sexo

- Feminino  
 Masculino

3 - Naturalidade

4 - Lugar de Residência

- Mondim de Basto

5 - Formação Académica

6 - Formação Profissional

7 - Quando começou o seu interesse pela tradição e pela cultura de Mondim de Basto?

8 - O que é, para si, o traje Romeiro de Mondim de Basto?

9 - Como acha que nasceu o traje Romeiro?

10 - Quantos elementos tem o traje? Sabe quais são?

11 - Qual o elemento/componente mais emblemático para si?

12 - Qual o elemento/componente que transmite mais identidade cultural acerca de Mondim de Basto?

13. **Հանրահաշիվի և Գծաչափի հարցեր**

14. **Հանրահաշիվի հարցեր**

15. **Հանրահաշիվի հարցերի համախմբում**

1 2 3 4 5

**Նոր հարցեր**

Հարցերի ցանկում ներկայացված են հարցեր, որոնք դեռևս չեն լուծվում:

**Հարցերի ցանկ**

Հարցերի ցանկում ներկայացված են հարցեր, որոնք դեռևս չեն լուծվում:

# Anexos

## 1. Anexo 1- VII International Conference on Design Research - DESIGNA 2018 TERRITORY Proceedings

